Libertação do EU pg. 31

Krishnamurti

Percepção Criadora

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

ÍNDICE DAS PERGUNTAS E DO RESUMO DE PERGUNTAS

DO MESMO AUTOR:

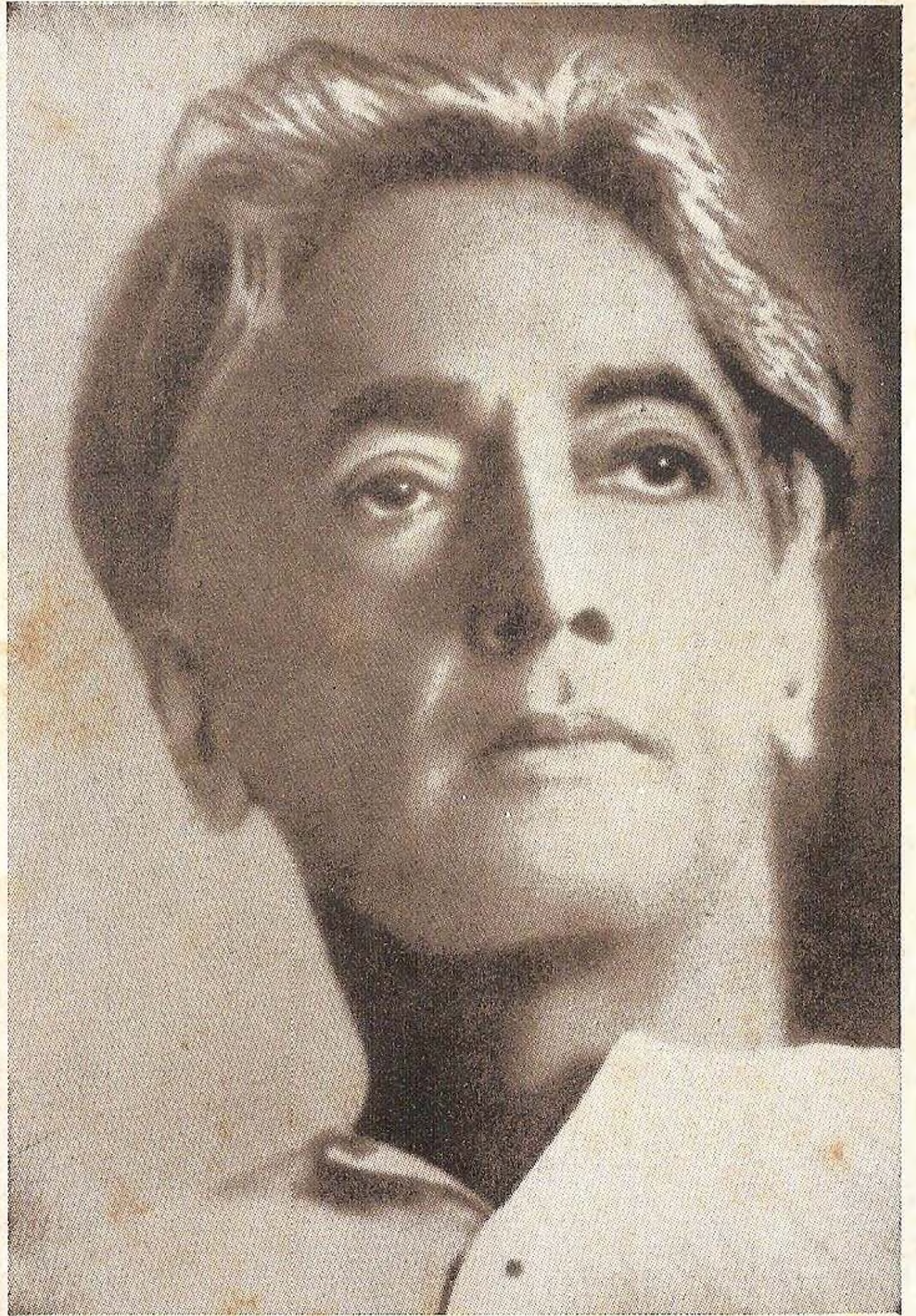
Poder e Realização.
A Educação e o Significado da Vida.
Claridade na Ação.
Nosso Único Problema.
Quando o Pensamento Cessa.
Que estamos buscando?
Novo Acesso à Vida.
Novos Roteiros em Educação.
A Canção da Vida (poesias).
Da Insatisfação à Felicidade.
Viver sem Confusão.
Porque não te satisfaz a Vida?
Nós somos o Problema.
Solução para os nossos Conflitos.
Uma Nova Maneira de Viver.
O Egoísmo e o Problema da Paz.
O que te fará feliz?
A Finalidade da Vida.
O Caminho da Vida.
Palestras no Chile e México.
Palestras no Uruguai e na Argentina.
Acampamento em Ommen, 1937/1938.
Que o Entendimento seja Lei.
A Renovação da Mente.
A Arte da Libertação.

NOTA: Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da "Instituição Cultural Krishnamurti", na Avenida Rio Branco, 117, s/203 (Rio de Janeiro) — Tel. 52-2697.

J. KRISHNAMURTI

PERCEPÇÃO CRIADORA

TRADUÇÃO
DE
HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117, sala 203
Rio de Janeiro —— Brasil

JIDDU KRISHNAMURTI

I

O saber escutar é algo muito importante; mas, em geral, temos inúmeras opiniões, idéias, experiências e conclusões antecipadas, através das quais filtramos tudo o que ouvimos, e por essa razão nunca ouvimos nada de maneira nova; traduzimos sempre o que vimos de acôrdo com uma determinada tendência. Assim, é de real importância saber ouvir sem interpretar; porém, isto é, sem dúvida, um problema dificílimo. Em geral, não gostamos de ouvir coisa alguma de maneira completa, com plena atenção, porque nessa operação descobrimos às vêzes o que realmente somos; por isso, costumamos estender cortinas de proteção entre nós e o que nos dizem. É óbvio, pois, que seria muito bom se fôssemos capazes de ouvir simplesmente, visto têrmos inúmeros problemas — não só pessoais, como também sociais, políticos, econômicos — para os quais precisamos encontrar a solução correta; e não haverá possibilidade de encontrá-la, se, para tanto, dependermos de alguma opinião, de conhecimentos adquiridos em livros, ou de conferências, inclusive as minhas. Ora,

sem dúvida, para acharmos a solução, devemos saber como ouvir o fato, o próprio problema; mas não é isso o que fazemos, quando interpretamos o problema de acôrdo com as nossas idiossincrasias ou opiniões pessoais. Há de haver uma solução correta para todos os problemas; mas essa solução não se acha pela análise, pelo julgamento, pela comparação, nem por meio do saber, por mais vasto que seja. Só pode surgir a solução correta quando a mente "escuta" tranqüila, quase indiferente, sendo assim capaz de considerar o problema sem qualquer móvel ou intenção especial, sem ter um fim em vista — o que, com efeito, é dificílimo, porque em geral queremos um determinado resultado, uma solução satisfatória. Para alcançar a solução correta dos problemas humanos, necessitamos de muita paciência, principalmente se já nos habituamos a viver num mundo mecânico, em que é possível descobrir com muita presteza a solução de tantos problemas técnicos. Quando temos um problema, desejamos solução imediata; recorremos então a um livro, a um médico, um analista, um especialista; ou ficamos batalhando dentro em nós mesmos para achar a solução. Somos impacientes, queremos resultados imediatos e vivemos por isso em constante conflito.

Nessas condições, ainda que já tenhamos ouvido tudo o que se vai dizer nas presentes conferências, será sem dúvida proveitoso ouvi-las com muita paciência. O que importa, naturalmente, é que cada um de nós possa achar um estado perene de libertação de todos os conflitos e das inúmeras reações que tanto caos produzem na mente; e então, talvez, com essa liberdade, venhamos a descobrir algo existente além da nossa

mente; mas antes que possamos ser livres, temos, por certo, de compreender o que é o "eu".

Será possível a vós e a mim libertarmo-nos de todos os nossos problemas, dos nossos sofrimentos, de nossas incontáveis necessidades? Ser livre implica solidão completa, — o que significa a libertação do mêdo. É só então que somos indivíduos, não é verdade? Só somos indivíduos quando cessa completamente o temor: o temor da morte, da opinião alheia, o temor que resulta de nossos próprios desejos e ambições, o temor da frustração, o temor do não-ser. O estar só é, sem dúvida, inteiramente diferente do estar em isolamento. É o próprio isolamento que cria o temor; e como medida defensiva temos um grande número de barreiras, um grande número de idéias, abrigos, garantias. Em geral, não somos verdadeiros indivíduos, não é exato? Somos o resultado de numerosas influências sociais, das impressões acumuladas, dos problemas interiores que nos oprimem a mente e o coração. Não somos indivíduos, porque não estamos livres do temor; e a mim me parece que, se não estamos livres do temor, nunca encontraremos uma solução verdadeira para qualquer dos problemas humanos.

Pois bem. É-nos possível libertar-nos *completamente* do temor? E de que temos mêdo? De estarmos sem segurança, de não têrmos tôdas as coisas de que fisicamente necessitamos, das conseqüências de não nos subordinarmos a determinado sistema político ou religioso, etc. O desejo de segurança implica temor, em nossas relações. Para sermos capazes de expressar a verdade que vemos, independentemente das ameaças que nos rodeiam, requer-se uma grande revolução em

nosso pensar, não achais? Pode cada um de nós tornar-se completamente livre do desejo de segurança, que gera temor? Se pudermos compreender profundamente esta questão, acredito, muitos dos nossos problemas serão resolvidos. Estar liberto do temor é, sem dúvida, a única revolução, porquanto, uma vez livres do temor, já não somos indus ou americanos, não pertencemos a nenhuma religião organizada, não há mais ambição, desejo de sucesso, de realização, e, por conseguinte, já não estamos empregando a nossa fôrça contra outro.

A isenção de temor não é uma idéia, nem tão pouco um ideal que devemos lutar para alcançar; entretanto, quando nos fazemos esta pergunta: "Pode-se ser livre de temor?" — qual é a nossa interior reação? O temor é um empecilho básico, um obstáculo fundamental em tôdas as nossas relações e em nossa busca da realidade; e podemos nós — vós e eu — sem sucessivos esforços, sem análise, libertar-nos dêsse contágio gerador de tantos problemas? Pode-se ser totalmente isento de temor? Esta é uma pergunta difícil de respondermos a nós mesmos, não achais? Ser livre de temor significa, com efeito, estar isento de todo desejo de segurança econômica ou social, ou do desejo de encontrar segurança em nossa experiência pessoal. Esta questão, sem dúvida, é importantíssima, uma vez que tôda a nossa perspectiva das coisas é prejudicada pelo temor; nossa educação, religião, estrutura social, nossos esforços em tôdas as esferas de ação, estão baseados no temor. E pode alguém ficar livre do temor por meio de algum exercício, de alguma espécie de disciplina, pelo auto-esquecimento, pela imolação de si mesmo, pelo cultivo de qualquer crença ou dogma, ou

pela identificação com uma nação qualquer? É claro que nenhuma dessas coisas nos pode dar a libertação do temor, visto o próprio "processo" de imitação, de submissão, de auto-sacrifício, radicar-se no temor; e ao reconhecermos a inutilidade de tudo isso e percebermos como a mente está sempre ocupada em "projetar" defesas, abrigar-se em crenças e conhecimentos — e em tôdas essas coisas está sempre emboscado o temor — que devemos fazer? Como pode, então, uma pessoa libertar-se dêsse estado a que chamamos temor? Se temos disposições sérias, não acreditais ser esta uma das perguntas fundamentais que devemos fazer a nós mesmos? Desde crianças fomos educados para pensar sempre sob a inspiração do temor; tôdas as nossas defesas, tanto psicológicas como físicas, se baseiam no temor; e como pode a mente assim educada, condicionada, libertar-se do temor? Pode a mente libertar-se do temor? Pode qualquer atividade da mente dar liberdade a ela própria? A própria mente, o próprio pensamento, não representa o autêntico processo do temor? E pode o pensamento anular o temor?

Senhores, êste não é um problema fácil de resolver; o que cada um de nós pode fazer, porém, é tornar-se bem cônscio do temor, sem lutar contra êle, sem analisá-lo, e, portanto, sem levantar defesas; e quando a mente se acha de fato muito tranqüila, passivamente cônscia de tôdas as formas de temor que surgem, e sem empreender nenhuma ação contra elas, nessa quietude, existe a possibilidade de se dissolver o temor, sendo esta a única revolução real, fundamental; e, então, há individualidade. Enquanto há temor, não há singularidade, individualidade. Atual-

mente, nós, em geral, somos apenas o resultado de influências várias: sociais, econômicas, políticas, climáticas, etc.; não somos genuínos indivíduos e, por conseguinte, não somos criadores. A ação criadora não representa a expressão de um talento, de um dom; só se manifesta quando não existe temor, isto é, quando o indivíduo é completamente independente.

Sem dúvida, esta questão de como ser livre é um dos nossos principais problemas, não achais? Talvez, mesmo, seja o nosso único problema; pois é o temor que, dissimulado nos mais íntimos recessos de nossa mente e de nosso coração, nos tolhe o pensar, o ser, o viver. Parece-me, portanto, que o que se necessita agora não é de mais filosofia, de sistemas melhores, de mais saber e ilustração, mas, sim, de verdadeiros indivíduos, inteiramente livres de temor. Porque só quando não existe temor, pode existir amor.

Ora, podemos nós — vós e eu — empreender a nossa libertação do temor? Podemos rejeitar tôdas as opiniões, todos os dogmas e crenças, que são meras expressões do temor, e atingir a fonte, o problema fundamental, que é o próprio temor? Ora, como já disse, a ação criadora não representa um mero talento, um dom, uma capacidade; ela excede em muito tudo isso. Só pode haver ação criadora quando a mente se acha totalmente tranqüila, sem os embargos do temor, do julgamento, da comparação, sem a carga do saber e da ilustração. A maioria de nós, porém, anda sempre com a mente agitada, cheia de problemas, numa eterna busca de segurança; e como pode a mente, em tais condições, ser independente, livre de influências e temores? Como pode ela compreender aquela fôrça

criadora, aquela realidade — qualquer que ela seja — ou descobrir se ela existe ou não existe? Só quando a mente está inteiramente livre de temor há a possibilidade de realizar-se uma revolução fundamental — a qual nada tem em comum com a revolução econômica ou política; e para se ser livre de temor não se requer presteza de raciocínio, mas vigilância constante, e um considerável percebimento, paciente, persistente, do inteiro processo do pensamento, o qual pode ser observado apenas nas relações, em nossas atividades de cada dia. O autodescobrimento se realiza pela compreensão do *que é*, e *o que é* é o processo real do pensamento em qualquer momento que passa. Isso, positivamente, é meditação, e requer uma tranqüilidade de espírito em que não haja exigência alguma. Sòmente quando começamos, vós e eu, a conhecer a nós mesmos, a mente pode estar livre de temores, e só então há a possibilidade, não apenas de paz interior, mas de felicidade exterior para o homem.

PERGUNTA: Como podemos saber o que é justo e o que é injusto, sem mandamentos ou livros?

KRISHNAMURTI: Porque desejais saber o que é justo e o que é injusto? Pode alguém vo-lo dizer? Pode algum livro, algum instrutor, transmitir-vos o conhecimento do que é justo e do que é injusto? Se seguirdes a autoridade de um livro ou de um instrutor, estareis apenas copiando um padrão de pensamento, não é verdade? E pode-se descobrir alguma coisa pelo copiar e pelo ajustar-se? Seguimos um padrão quando queremos um certo resultado; e

êsse processo não está baseado no temor? Podemos descobrir o que é justo, sob a influência do temor, ou só podemos descobri-lo pela experiência direta? Enquanto a mente estiver encerrada no processo dual do justo e do injusto, há de haver, òbviamente, conflito incessante. Não é possível, porém, descobrir-se o que é verdadeiro, a tôdas as horas, sem estarmos envolvidos no conflito do justo e do injusto? Tal é o nosso problema, não é verdade? O que é justo e o que é injusto hão de variar sempre em conformidade com o condicionamento e a experiência de cada pessoa, e têm, por conseguinte, importância muito reduzida; mas saber-se a tôdas as horas o que é verdadeiro — isso, sem dúvida, é de grande relevância.

Tende a bondade de escutar com tôda a atenção. Enquanto estivermos envolvidos no conflito da dualidade — que significa escolha entre o que é justo e o que é injusto — nunca haveremos de conhecer o que é sempre verdadeiro. O que é justo e o que é injusto podem constituir simples opinião, um princípio em que se baseou a nossa educação desde a infância, o cunho de certa civilização, de determinada sociedade; e enquanto estivermos empenhados no imitar, no ajustar-nos a algum padrão, por mais nobre que seja, há de haver essa escolha contínua entre o justo e o injusto, haverá sempre o desejo de fazer o que é correto e, conseqüentemente, o receio de errar — daí resultando, apenas, respeitabilidade. Saber, porém, a tôdas as horas o que é verdadeiro, conhecê-lo inteiramente, profundamente, isso não é nenhuma opinião, nem raciocínio, nem dogma. O que é verdadeiro não depende de crença alguma. Descobrir o que é verda-

deiro é compreender *o que é,* momento por momento — e isso exige muita vigilância, isenta de julgamento ou comparação; exige uma mente aberta, para observar e para sentir. O que é verdadeiro jamais cria conflito; mas, quando a mente está escolhendo entre o verdadeiro e o falso, essa própria escolha produz conflito. Em geral, fomos educados para pensar corretamente e nos abstermos de certas coisas tidas por falsas e, por isso, a nossa mente está sempre a buscar uma coisa e a evitar outra; e êsse processo de pensar é, em si, um conflito, não achais? O "correto" pode ser o que diz o sacerdote, o que dizem os vossos vizinhos, os nossos líderes políticos, e, assim, cria-se o padrão a que temos de subordinar-nos; e a mente que se subordina a um padrão nunca pode achar-se em estado de revolta, jamais descobrindo, por conseguinte, aquilo que é eternamente criador.

Nessas condições, pode-se descobrir a tôdas as horas o que é verdadeiro? Ora, não há possibilidade de descobrimento, enquanto houver o conflito da escolha. Para descobrir, a mente tem de estar bàsicamente tranqüila, sem mêdo de errar. Entretanto, nós queremos bom êxito, não é verdade? Educam-nos, desde crianças, para ambicionar o bom êxito, e todo livro, tôda revista nos dá exemplos disto: o menino pobre que chega a Presidente, etc. Buscando a própria segurança no bom êxito, é a mente obrigada a observar o que é correto, e começa assim a batalha entre o que é correto e o que é errado, começa o eterno conflito da dualidade. Nesse conflito nunca se pode descobrir o que é verdadeiro. O verdadeiro é *o que é* e

a libertação que resulta da compreensão do *que é*. Tende a bondade de ouvir corretamente o que estou dizendo e de refletir a seu respeito; e se compreenderdes o que está realmente acontecendo, momento por momento, vereis como vos libertareis do conflito do justo e do injusto. Não pode manifestar-se essa compreensão, se estais a julgar ou a condenar *o que é*, ou a compará-lo com a passada experiência; e quando não há compreensão do *que é*, não há libertação. Para compreender *o que é*, deve a mente estar livre de tôda condenação e julgamento; mas isso requer paciência infinita e pode produzir-vos uma extraordinária revolução na vida, coisa de que a mente tem mêdo. Por essa razão, nunca examinais *o que é* e vos limitais a dar opiniões a seu respeito. Enquanto a mente estiver tôda ocupada com a escolha entre o que é correto e o que é errado, permanecerá imatura; e êste é um dos nossos obstáculos, não achais? Nossas mentes são imaturas; ensinaram-nos o que é correto e o que é errado e, conseqüentemente, a isso queremos ajustar-nos. O ajustamento é a própria natureza da mente imatura, ao passo que a compreensão do *que é* constitui o fator revolucionário, na criação.

PERGUNTA: Embora eu reconheça sentir-me lisonjeado pela admiração e susceptível à crítica, a minha mente continua a ser governada por essas influências; ela é atraída ou repelida, como a agulha da bússola em presença do magneto. Qual é o primeiro passo para sermos realmente livres?

KRISHNAMURTI: A dificuldade está em que quereis ser livre: não quereis, porém, compreender o problema. Sois infenso tanto à lisonja como à crítica. Desgosta-vos o ser criticado; mas, ao mesmo tempo, se bem que desejais ser insinuante, ser admirado, sentis desprêzo por vós mesmo, por serdes tão infantil; desejais, por isso, livrar-vos das duas coisas. E o resultado é que ficais com três problemas, não é verdade? É o que todos nós fazemos: quando temos um problema que não sabemos resolver, acrescentamos-lhe outros e ficamos multiplicando problemas, sucessivamente.

Nessas condições, qual é a nossa questão? A questão não é a de acharmos a maneira de não sermos influenciados pela admiração nem pela crítica, mas, sim: porque desejamos ser admirados, porque nos importamos tanto quando somos criticados? — Êste é que é o problema, não achais? Porque desejais admiração? Porque o ser admirado vos faz feliz, dá-vos estímulo, faz-vos trabalhar melhor. Desejais que vos estimulem por não vos sentir seguro em vós mesmo, e necessitais, por isso, do amparo de outros; e sois susceptível à crítica porque ela vos revela o que sois. Tal é a razão por que estais sempre fugindo à crítica e desejoso de admiração, de estímulo, de lisonja; assim, mais uma vez, vos vêdes envolvido na batalha do querer e do não querer. Tudo isso indica, sem dúvida, uma pobreza interior do vosso ser, não é verdade? Não há um sentimento profundo de confiança. Não me refiro à arrogante confiança da experiência, que é apenas um meio de fortalecer o "eu" e, portanto, sem muita significação. Refiro-me à con-

fiança que resulta do compreenderdes a vós mesmo, do perceberdes todo o significado da admiração, do estímulo, da crítica. A compreensão de vós mesmo não depende de ninguém; ela se apresentará se estiverdes muito vigilante, atento, encontrando-vos com *o que é* em cada momento que passa e abstendo-vos de julgá-lo. O autoconhecimento proporciona uma confiança em que o "eu" não se torna importante. Não é a confiança do "eu" que acumulou considerável experiência, ou do "eu" que possui um grande depósito no banco, ou do "eu" que tem um vasto cabedal de conhecimentos. *Nisso* não existe confiança e, sim, só e sempre, temor. Entretanto, quando a mente começa a tornar-se cônscia de si mesma e das suas reações, quando percebe tôdas as suas atividades, momento por momento, sem inclinação para a comparação ou o julgamento, então, dêsse conhecimento, resulta uma confiança inteiramente livre do "eu". Essa mente não busca a admiração nem evita a crítica; já lhe não importa nem uma nem outra coisa, pois a cada momento encontra libertação na compreensão do *que é*.

O que é é a reação, a réplica (response), o impulso, o desejo da mente, em qualquer momento dado; e se observardes realmente *o que é,* se vos tornardes cônscio de todo o seu conteúdo, sentireis a presença de uma liberdade extraordinária, manifestando-se sem que a mente a tenha procurado. Quando a mente *busca* a liberdade, o que está querendo é livrar-se *de* alguma coisa, e isso não é liberdade nenhuma, senão, ùnicamente, uma reação semelhante à revolução política, que é uma reação contra o regime vigente. A liberdade surgida com a compreensão do *que é,* não re-

presenta reação *contra* alguma coisa; é uma libertação criadora e, por conseguinte, completa em si mesma. Mas a compreensão do *que é* exige muito discernimento, muita tranqüilidade mental. A liberdade não resulta de nenhuma espécie de compulsão, de nenhuma atração, de nenhum desejo; pode manifestar-se, apenas, quando a mente percebe sem julgamento, sem escolha, de modo que a cada momento se vê a si mesma tal como é. A mente que busca liberdade nunca a encontrará, pois procurar liberdade significa barrar, afastar *o que é;* mas, quando a mente começa a compreender *o que é,* sem escolha, essa própria compreensão produz uma descarga criadora, que é liberdade. A liberdade é ímpar, ela é a verdadeira individualidade, e nela se encontra bem-aventurança.

20 de junho de 1953.

II

DESEJO, nesta manhã, se possível, discorrer sôbre o problema da transformação. Considerando-se a situação mundial, as condições de penúria, as guerras, a competição, o incessante conflito entre os homens, a extraordinária prosperidade de algumas nações e a pobreza extrema reinante no Oriente, onde milhões de pessoas só tomam uma refeição por dia, ou nem isso — considerando-se tudo isso, torna-se bem clara a necessidade de uma radical transformação, de uma mudança revolucionária de alguma espécie. E, acredito, deve ser óbvio, a quem já pensou neste assunto, tôda mudança operada por ajustamento, compulsão ou temor, não é transformação nenhuma. Simples mudança periférica, um mero ajustamento na circunferência, — ajustamento político, econômico, social ou, mesmo, religioso — não é revolução. A revolução, naturalmente, tem de operar-se no centro, e não na circunferência, no lado externo; e como pode realizar-se essa revolução no centro ? Estou empregando a palavra "revolução" com conhecimento de causa, visto que, se

houver uma mudança no centro, teremos uma *verdadeira* revolução, uma completa transformação do pensamento; e só ao verificar-se esta revolução no centro podem operar-se mudanças significativas no exterior, na periferia. Mas nós, geralmente falando, não queremos a revolução central e, sim, apenas, mudanças exteriores — queremos uma situação econômica melhor, mais riqueza, mais confôrto, mais prosperidade, mais luxo, e uma maior variedade de entretenimentos e distrações. É isso o que interessa à maioria de nós. Ou, trocamos uma especialidade por outra, uma religião por outra, um dogma por outro; o que significa, simplesmente, passar de uma gaiola velha para uma gaiola nova. E se temos disposições sérias, falamos sôbre a necessidade de abolir a guerra — o que, mais uma vez, significa cogitar sôbre a maneira de produzir modificação no exterior. As pesquisas científicas, as reformas sociais, os ajustamentos políticos, tudo isso — assim como as várias religiões e sociedades sectárias — só diz respeito a modificações exteriores.

Ora, como produzir uma transformação no centro? Êste é o problema da maioria de nós, não achais? Se estamos sèriamente intencionados e reconhecermos quanto é superficial andarmos só em busca de um emprêgo melhor ou de uma solução imediata para os nossos problemas econômicos, políticos, ou religiosos, desejaremos naturalmente saber se é possível efetuar-se uma transformação no centro, a qual, por sua vez, produza uma transformação em nossas relações com a família, com os companheiros, enfim, com a sociedade.

Não sei se já refletistes sôbre êste assunto; considero-o, porém, uma questão fundamental, que se não

pode fàcilmente desprezar. Temos tentado durante anos reformar-nos exteriormente, procuramos transformar as nossas maneiras, pensamentos, conduta, nossa sociedade, e daí não resultou nenhuma mudança radical, nenhuma libertação de fôrças criadoras; e a mim me parece que, sem essa profunda revolução interior, central, será vão todo esfôrço que empregarmos para modificar as coisas exteriores. Nossos esforços poderão produzir modificações momentâneamente satisfatórias; entretanto, se a revolução não fôr efetuada no centro, a mera alteração da circunferência, da parte externa, é mui pouco significativa e poderá, eventualmente, conduzir a malefícios maiores ainda. Compreendendo isso, averiguemos como se pode efetuar essa transformação, essa revolução no centro.

Que é êsse centro? Ora, é a mente; e nós vamos averiguar se a mente pode modificar-se, se pode produzir em si mesma uma revolução interior. A mente, como é óbvio, é constituída de níveis conscientes e níveis inconscientes; e todo esfôrço da mente consciente para se modificar está sempre compreendido na esfera exterior. Vêde bem a importância disso.

Como disse ontem — se posso repeti-lo, sem enfadar-vos — é muito importante saber escutar. Quando se faz um esfôrço consciente para escutar, para compreender, êsse mesmo esfôrço dificulta a compreensão. Quando aplicais tôda a vossa atenção à tentativa de descobrir algo, vossa mente fica num estado de tensão e, por isso, não há "escuta", não há penetração, não há reação espontânea a algo que se não compreende perfeita e plenamente. Todavia, o "escutar" exige uma certa atenção, porquanto não significa que vos ponhais

simplesmente a dormir. Mas "escutar" é coisa muito diferente de "ouvir". Podeis ouvir o que estou dizendo e compreender a significação das palavras; porém, se a vossa mente não ultrapassar a mera comunicação verbal entre nós dois, não haverá compreensão real. O que estou tentando transmitir não é tanto a significação verbal, quanto, principalmente, as coisas existentes entre as palavras, no espaço, no intervalo entre os pensamentos. Se a mente puder estar quieta, atenta para o que se acha entre as palavras, se puder pôr-se em tal estado de "afinação", será então capaz de "escutar" integralmente, na totalidade; e é êsse escutar, possìvelmente, que traz a revolução, e não o esfôrço consciente para compreender.

A maioria de nós conhece o esfôrço consciente de modificar, de disciplinar a mente, e, por êsse motivo, o que chamamos modificação representa uma operação parcial, e não uma revolução total. E eu estou-me referindo à revolução total, integral, e não à ação parcial, de superfície; e essa revolução total não pode verificar-se por meio de nenhum esfôrço consciente de nossa parte. Sabemos o que é a consciência, estamos bem familiarizados com a mente consciente que pensa e deseja, movida pelo impulso, pela intenção, e determina o ajustamento. A mente consciente está sempre forcejando em determinado sentido, ou para ajustar-se pelo temor, ou, ainda pelo temor, transformar-se, a fim de adaptar-se a outro padrão de ação. Por conseguinte, todo esfôrço visante a uma modificação é um ajustamento sob a influência do temor, do desejo de têrmos bom êxito ou do desejo de nos tornarmos melhores, para alcançarmos um certo

resultado, seja neste mundo, seja no mundo da santidade. É urgentemente necessária uma revolução profunda, mas, é óbvio, essa revolução deve ser inconsciente; pois, se produzo deliberadamente uma revolução em mim mesmo, essa revolução será resultado de desejo, da memória, do tempo. Desejo tornar-me melhor, conseguir um resultado, descobrir o que é Deus, o que é a Verdade, ser mais feliz; por isso digo que há necessidade de transformação. O esfôrço positivo ou negativo, o esfôrço para ser ou não ser, se baseia no temor, na ânsia de ganho, de confôrto, paz, segurança; assim, pois, tôda modificação operada por um esfôrço consciente não é verdadeira transformação e, sim, puro ajustamento a um padrão diferente. A êsse respeito, temos de perceber a verdade *completamente*. Como tôdas as revoluções econômicas, quer da direita, quer da esquerda, o esfôrço consciente não produz nenhuma transformação no centro. Ambas as coisas só produzem tiranias. O sábio, portanto, não se preocupa essencialmente com modificações periféricas: interessa-lhe só a revolução interior, a revolução que se opera no centro. E como iremos, vós e eu, produzir essa transformação ?

Não sei se percebeis a importância desta questão. Tôdas as escolas de religião, tôdas as sociedades religiosas, procuram produzir modificação por meio de esfôrço consciente, por meio de disciplina, ajustamento, temor, por meio do desejo de alcançar uma situação melhor, quer socialmente, quer religiosa ou psicològicamente; e tudo isso está compreendido na esfera exterior. Sem dúvida, porém, o homem que, conscientemente, se está tornando virtuoso, é imoral, uma

vez que é virtuoso no interêsse da própria segurança, do próprio confôrto e felicidade. Não estamos falando dessa espécie de mudança ou transformação.

Como então efetuar essa revolução no centro? Vemos que o esfôrço deliberado e consciente do nosso pensamento ordinário não pode realizá-la. E pode o inconsciente fazê-la? Compreendeis o que queremos dizer quando nos referimos ao "inconsciente"? O inconsciente é o resíduo do passado, não é exato? É o resultado dos instintos raciais, das impressões culturais, de tudo o que fomos no passado, de tôda a luta do homem contra seus ocultos intentos, compulsões, ímpetos. Pode êsse inconsciente ajudar-nos a operar uma modificação, uma revolução no centro? E existe alguma diferença, algum intervalo ou hiato entre o inconsciente e o consciente? Sem dúvida, a mente consciente, a mente que está desperta durante o dia, funcionando em nossas atividades diárias, é apenas a orla do inconsciente, não é verdade? Não há diferença fundamental entre os dois (o consciente e o inconsciente). Assim como a fôlha de uma árvore é o produto das suas raízes, aprofundadas no seio da terra, assim também a mente consciente é o produto do inconsciente profundo. Não há distinção entre êles; não são duas coisas diversas; nós é que não estamos familiarizados com o inconsciente. É-nos familiar a mente consciente, a atividade diária de ganância, competição, ciúme, inveja, o desejar uma coisa e não desejar outra, a nossa luta incessante; mas os mesmos impulsos encontram-se também nos níveis mais profundos, não é verdade? Pode-se, pois, contar com o inconsciente para se realizar uma transformação radical?

Se prestais atenção ao que estou dizendo e o seguis sem esfôrço, encontrareis a solução correta; e o descobrimento da solução correta é a revolução no centro. Qual é o estado da mente quando não há esfôrço algum, nem por parte do consciente nem do inconsciente? *Existe,* então, um centro? Para a maioria de nós existe um centro, que é o "eu", o "ego"; e se êsse centro se acha num nível superior ou inferior, isso não tem grande importância. O centro é o "eu", o instinto de aquisição, que se expressa no possuir propriedades, no desejo de nos tornarmos melhores, de adquirir virtudes, pelo contrôle, pela disciplina e tudo o mais. Temores, ansiedades, disposições de ânimo, anelos, esperanças, fracassos, frustrações — tal é o centro que conhecemos, não é verdade? E o fazer cessar *completamente* êsse centro, é a única revolução verdadeira; essa revolução, porém, não é possível por meio de esfôrço por parte do consciente ou do inconsciente.

Pois bem. Quando percebemos tudo isso, qual é o estado da nossa mente? Evidentemente, a primeira reação é um sentimento de ansiedade, de temor, de desconhecimento do que vai acontecer. O "eu", o centro, que é uma acumulação de inúmeras reações, inúmeras influências culturais, políticas e religiosas — êsse centro é que tem funcionado até agora; e se queremos que êsse centro desapareça *de todo,* para que a mente seja pura, incorruptível, única, singular, a primeira reação, por certo, é um tremendo sentimento de negação, de não-ser; e mui poucos de nós somos capazes de suportar tal coisa, que significa olhar de frente o que na realidade somos. Por conseguinte, no centro existe temor, e,

refugiados nesse centro, começamos a levantar defesas, a apegar-nos aos nossos dons, capacidade, talentos, produzindo dêsse modo o conflito constante entre o que somos realmente e o que gostaríamos de ser. E, entretanto, em momentos lúcidos, percebemos que êsse mero lidar com coisas exteriores nunca produzirá uma revolução profunda, duradoura, fundamental. Nessas condições, aquêles dentre nós que tiverem intenções sérias e inclinações religiosas, hão de interessar-se necessàriamente por esta questão da revolução no centro.

Uma vez que nem a mente consciente nem a inconsciente pode produzir uma transformação fundamental no centro, que deve a mente fazer ? Pode ela fazer *alguma coisa ?* Como vimos, a mente tanto é atividade consciente como atividade inconsciente de pensamento, de reação, de memória. A mente é resultado do tempo, e o tempo não pode produzir revolução. Ao contrário, só o cessar do tempo produz a revolução fundamental no centro. O centro está afeito ao tempo, o centro *é* tempo, é todo o "processo" psicológico de ontem, hoje, amanhã — eu fui, eu sou, eu serei — frustração, temor, esperança. Como vemos, a mente não pode produzir revolução; quando o faz, cria mais brutalidade, mais tiranias, mais horrores, e a compulsão totalitária. E se a mente é incapaz de efetuar uma transformação radical, qual é então a sua função ?

Espero me estejais seguindo, porquanto não falo para mim mesmo, mas também para vós. Acredito, se essa revolução extraordinária pudesse realizar-se em cada um de nós, criaríamos um mundo diferente, seríamos missionários de uma nova espécie, de uma es-

pécie inteiramente diversa, — não daqueles que convertem, mas dos que libertam.

Qual é, pois, a função da mente, ao reconhecer que nenhum esfôrço, consciente ou inconsciente, da sua parte, pode produzir uma transformação completa? Que deve ela fazer? Apenas, ficar tranqüila, não é verdade? Todo esfôrço de sua parte para modificar-se é produto de seu condicionamento, de seu temor, do desejo de bom êxito, da esperança de melhorar as coisas; e tal esfôrço só pode dificultar o descobrimento da solução correta. Vêde bem a importância disso. Se reconheço que a revolução fundamental não pode ser produzida por nenhuma reação da mente consciente ou inconsciente; que tôdas essas reações estão baseadas no temor, que impele à aquisição, na memória, no tempo, e se encontram, portanto, na parte externa, na periferia — se reconheço tudo isso, então o que a mente deve fazer é ficar completamente tranqüila, não achais? A função da mente, por conseguinte, consiste apenas em perceber como surgem essas reações, e em não procurar conquistar um determinado estado ou produzir uma modificação no centro, pela ação da vontade. O que pode fazer é apenas observar as próprias reações. O observar, porém, exige paciência infinita; e se sois impaciente, a observação transforma-se num trabalho exaustivo, pois desejais progredir, desejais um resultado. Só quando a mente está sempre cônscia de suas próprias reações de temor, de ganância, de inveja, de esperança, essas reações podem desaparecer; não desaparecem, porém, quando há condenação, comparação, julgamento. Só desaparecem pela observação simples, inteiramente isenta de escolha. A mente

se torna então extraordinàriamente tranqüila, de todo serena, e uma vez existente essa serenidade, opera-se uma revolução no centro. Aí, sòmente, há a possibilidade de se ser individual, porque então a mente está só, livre de tôda influência. Êsse estado é criação. Nêle, não existe um "experimentador" que experimenta. Enquanto há "experimentador", há processo de tempo.

Assim, essa revolução no centro, tão òbviamente necessária, não é possível por meio de nenhuma espécie de compulsão ou disciplina, que são coisas muito infantis; realizar-se-á apenas quando a mente estiver de todo tranqüila, percebendo, sem escolha, tôdas as suas reações externas e internas, como um processo total. Vereis, então, surgir um sentimento extraordinário de bem-aventurança interior, o que não constitui uma promessa, nem uma recompensa de vossos valorosos esforços de muitos dias, ou muitos anos, para alcançá-la. Essa felicidade, essa bem-aventurança não é o oposto do sofrimento; nada tem em comum com o sofrimento. Êsse estado nasce da compreensão do sofrimento, a qual nos torna livres do sofrimento.

Ao apreciarmos estas questões, espero que vós e eu estejamos realmente refletindo *juntos* sôbre o problema respectivo. Não estais à espera de *minha* solução, pois eu não dou soluções. É muito simples dar respostas, dizer "sim" ou "não", como qualquer mestre-escola. O importante é que vós e eu descubramos a solução *no próprio problema,* porquanto esta é a única solução correta; e para o fazermos, deveis estar vigilantes, e eu devo estar vigilante. A solução correta não se encontra fàcilmente. Temos, quase todos nós, tanta ânsia de achar a solução e passar ao problema

seguinte, que nunca examinamos o próprio problema. Só há um problema, embora possa ter enunciados diferentes; e para que êle seja compreendido através dos seus diversos enunciados, requer-se muita sabedoria, penetração, discernimento, e uma paciência que não é indolência. Para penetrar, compreender, deve a mente estar livre de tôda autoridade, de todo o saber dos livros, de tudo o que outra pessoa tenha dito anteriormente. Infelizmente, temos lido tanto, sabemos tão bem o que disse o Buda, o que disse o Cristo ou outro qualquer, que somos incapazes de refletir sôbre o problema de princípio a fim. Mas, para que possamos achar juntos a solução correta, tendes de pensar, investigar, penetrar a questão.

PERGUNTA: Dizeis que o libertar-nos do "eu" é uma árdua emprêsa, e, ao mesmo tempo, declarais que todo esfôrço de libertação constitui um empecilho a essa própria libertação. Como executar essa "árdua tarefa" sem esfôrço?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por esfôrço? Quando é que fazeis esfôrço? E se não há esfôrço algum, implica isso indolência, estagnação? Comecemos, pois, por averiguar o que se entende por esfôrço, em que sentido estamos fazendo esfôrço, e *porque* fazemos esfôrço.

Quando dizemos "fazer esfôrço", entendemos sempre um dispêndio de energias com o fim de alcançarmos um resultado, não é isso? Desejamos mais saúde, mais compreensão, uma melhor situação econômica, social ou política, etc., o que significa que es-

tamos sempre a fazer esfôrço para chegarmos a alguma parte. Ou, também, fazemos esfôrço para afastar certos obstáculos psicológicos. Se somos invejosos, dizemos que não devemos sê-lo, criando, assim, uma resistência contra a inveja. Ou, ainda, queremos ser muito eruditos, queremos saber mais, para causar impressão nos outros ou para obtermos um emprêgo melhor; por conseguinte, lemos, estudamos. Eis tudo o que sabemos a respeito do esfôrço, não é verdade? Para a maioria de nós, o esfôrço ou é positivo ou negativo, um processo de vir a ser ou não vir a ser; e êsse mesmo processo provém do centro do "eu", não é exato? Se sou invejoso e faço esfôrço para não sê-lo, não há dúvida de que a entidade que faz tal esfôrço é ainda o "ego", o "eu". Todo esfôrço para dominar o "eu", positiva ou negativamente, é ainda parte do "eu", e, por conseguinte, só pode dar-lhe mais fôrça; e ficamos presos nesse círculo vicioso. O problema, pois, é de como quebrar o círculo vicioso, essa cadeia contínua de esforços que só servem para fortalecer o "eu".

Tende a bondade de seguir o que vou dizer. Só podereis quebrar o círculo vicioso, se ficardes cônscio dêle como um processo total. Ao perceber que é invejosa, a mente deseja ser não-invejosa, pensando que o não ser invejoso traz certa compensação; aufere ela certa satisfação do esfôrço que faz para não ser invejosa, registra uma vitória espiritual. Assim, em não ser invejosa a mente encontra segurança, proteção, e o produtor do esfôrço é ainda o "ego", o "eu". Tende a bondade de perceber bem isso, *só* isso. Surge, assim, o problema: que devo fazer, quando

sou invejoso ? Estou acostumado a rejeitar a inveja, a levantar resistência contra ela; vejo agora quanto isso é fútil, quanto é absurdo que uma parte de mim mesmo esteja a negar a outra parte, quando eu sou o todo. Que devo então fazer ? Entretanto, jamais chegamos a êsse ponto, não reconhecemos nunca o fato de sermos, ao mesmo tempo, a inveja e o desejo de não ser invejoso. Quando somos invejosos, fazemos vigorosos esforços para dominar a inveja, e pensamos que êsse esfôrçar-se é benéfico, e nos libertará do "eu". Não o fará. Mas quando compreendo, quando estou perfeitamente cônscio de que a inveja e o desejo de não ser invejoso constituem um processo total, há então esfôrço ? Ocorre então algo inteiramente diferente, não é verdade ?

Já falei demais nesta manhã ?

AUDITÓRIO: Não, não.

KRISHNAMURTI: Muito bem. No momento em que estamos cônscios de ser invejosos, coléricos ou ciumentos, põe-se em funcionamento um processo de condenação; e enquanto estamos condenando, não há compreensão. As próprias palavras "inveja", cólera", "ciúme", subentendem julgamento, comparação, condenação, não é exato ? Através de séculos de educação, de civilização, de ensino religioso, estas palavras adquiriram um sentido de censura, representam algo que cumpre afastar, algo a que devemos resistir, combater, e nossa reação é tôda nesse sentido. Assim, ao dar

nome a certos sentimentos, já estou em atitude condenatória; e o próprio ato de condenar, de resistir a um sentimento, dá-lhe mais fôrça. Se não condeno a inveja, isso significa render-me a ela ? Tornar-me-ei *mais* invejoso ? Ora, inveja é sempre inveja, nem *mais* nem *menos*. O desejo, a direção pode variar, mas a inveja é sempre a mesma coisa, quer tenha por objeto um "Ford" ou um "Cadillac", quer objetive uma casa grande ou uma casa pequena. Assim, pois, o não dar nome à inveja, e portanto o não condená-la, não significa ceder a ela. Quando compreendemos que a própria palavra "inveja" denota condenação, que o sentimento de antagonismo à inveja é inerente à própria palavra, manifesta-se logo um estado de liberdade. Essa liberdade não se opõe à inveja, não é liberdade *da* inveja. Liberdade *de* uma determinada qualidade não é liberdade nenhuma, e o homem livre *de* algo assemelha-se ao homem que está *contra* o govêrno: enquanto está contra alguma coisa não é um homem livre. A liberdade é completa em si; não resulta de alguma atitude, não é contra algum estado ou qualidade.

Vemos, pois, que todo esfôrço para vencermos alguma coisa, para libertar-nos de alguma coisa, só dá mais fôrça ao "eu", ao "ego"; e quando compreendemos isso realmente, quando estamos cônscios da qualidade e do seu oposto, como um processo total, e percebemos como a própria palavra encerra condenação ou estímulo, então já não estamos na sujeição das palavras e, portanto, nosso espírito está livre para considerar, observar *o que é*. A compreensão do *que é,* e a liberdade que traz, não resulta de exercício persistente, de esfôrço penoso, a que dedicamos vários minutos tôdas

as manhãs; apenas surge essa compreensão quando estamos cônscios, em todo o correr do dia, das árvores, dos pássaros, das nossas próprias reações, das coisas que sucedem interior e exteriormente, como um processo total. Quando há condenação ou justificação, comparação ou identificação, não há compreensão do *que é;* por isso, torna-se dificílimo o estar cônscio. *O que é* só pode ser compreendido momento por momento, e isso significa devermos estar perfeitamente cônscios de que estamos julgando, de que cada palavra implica rejeição ou aceitação. Enquanto a mente fôr a expressão verbal do seu próprio condicionamento, nunca será livre. Só há liberdade quando a mente está aliviada de todo pensamento.

21 de junho de 1953.

III

PODERÍAMOS considerar hoje a significação da autoridade, na vida, e a relação existente entre a autoridade e o temor. Durante as duas reuniões anteriores, estivemos examinando a questão da liberdade individual e considerando se é possível ser-se individual, no sentido de ser livre de temor, e aventei que só pode haver individualidade quando não há temor. É uma das coisas mais difíceis o ser livre de temor, pois o temor assume formas múltiplas. Quando a mente está de todo absorta numa determinada idéia, essa absorção pode representar uma fuga; e o homem que disciplina a mente em conformidade com um padrão de pensamento pode, contudo, achar-se sob o jugo do temor. Quando nos ajustamos a determinado padrão de moralidade — e isso implica autoridade, compulsão — estamos livres de temor? O seguir a autoridade, sob qualquer forma, sem plena compreensão do significado da autoridade, é estar sob a opressão do temor.

Examinemos, pois, esta questão da autoridade; mas, antes de o fazermos, desejo sugerir-vos ouçais

de maneira adequada. Escutar adequadamente não significa tirar conclusões. Quando saltais a uma conclusão, já não estais abertos para averiguar, descobrir. Não podeis ser guiados para descobrir: o descobrimento tem de ser espontâneo. Se me estais escutando com o desejo de ser guiados, nunca fareis descobrimentos. Isto é bastante claro, não achais? Se ficais esperando que vos mostrem o caminho, jamais descobrireis coisa alguma por vós mesmos; só descobrireis o que o guia quiser que descubrais. Por conseguinte, deveis estar atentos, não apenas ao que estou dizendo, à descrição que faço, mas, principalmente, ao que se passa em vossa mente, o que significa estar vigilante. Embora me utilize de certas palavras e frases como meios de comunicação, o que realmente descrevo é o que cada um de nós está pensando, consciente ou inconscientemente. Se vos limitais a ouvir o que digo, não estais dando atenção a vós mesmos; estais apenas acompanhando uma descrição. Se, porém, através dessa descrição, começardes a estar cônscios das atividades da mente, com tôdas as suas tendências e idiossincrasias, haverá então uma possibilidade de descobrimento, a possibilidade de vos tornardes inteiramente cônscios do que vos está sucedendo realmente dentro do ser; e isso, assim me parece, é importantíssimo.

Não estou dizendo uma coisa difícil de compreender; mas, se vos limitardes a ouvir-me as palavras, perdereis a parte mais essencial dêste nosso exame. Estou descrevendo o que de fato se está passando, consciente ou inconscientemente, dentro de nós mesmos; e o que se está passando é uma coisa muito complexa, que requer grande soma de paciente atenção,

um perceber sem julgamento, uma observação sem escolha. Se formos capazes de ouvir com essa atitude mental, acredito, começaremos então a compreender todo o significado da autoridade. Positivamente, enquanto a mente está sujeita à autoridade, ela não é, em absoluto, individual; e, para descobrir-se o que é real, o que é Deus, o que é a Verdade, para se descobrir o inefável, não se requer sejamos completamente individuais? Ser individual significa estar em completa liberdade de todo temor, de tôda compulsão, e do desejo de encontrar uma forma correta de viver. É isto o que todos desejamos, é êste o reclamo dos nossos corações: encontrar uma correta maneira de ação, de conduta, um método correto para se viver feliz, em paz. E êsse mesmo reclamo não cria autoridade, a autoridade de um livro, de uma pessoa, de uma idéia? Desejamos nos ensinem o que devemos fazer, como devemos viver, de que maneira devemos dominar os nossos inúmeros problemas; e, com êsse desejo na mente e no coração, seguimos aquêles que se propõem a dar-nos o que buscamos, aquêles que pensamos haverão de conduzir-nos à realidade, à felicidade, a Deus. Elegemos, assim, uma entidade, um instrutor que é produto de nossa própria "projeção", e lhe vestimos a fantasia do nosso desejo. O impulso a confiarmos as nossas vidas à guia de instrutores, de livros, representa essencialmente o nosso desejo de estar em segurança, não é verdade? É isto o que desejamos: estar em segurança neste mundo e também no outro.

Ora bem, o desejo de segurança põe em funcionamento o mecanismo da compulsão, da subordinação a um padrão, a uma idéia ou a uma pessoa que repre-

senta a idéia; e assim passamos a vida, não é verdade? Não devemos, portanto, ficar completamente livres dêsse desejo de segurança, que cria a autoridade? A autoridade é um problema sobremodo complexo. Existe autoridade em diferentes níveis: a autoridade do govêrno, a autoridade social, religiosa, e a autoridade da nossa própria experiência. Desde a infância somos forçados à submissão. Nossa educação, nosso preparo social e religioso, todo o nosso ambiente estimula-nos a subordinar-nos, ou a resistir, ou a seguir, — sendo êsse o mecanismo ordinário do nosso pensamento; e enquanto vós e eu nos acharmos em tal estado, podemos ser indivíduos livres? Se *não* o somos, é claro, nunca chegaremos a descobrir o que é real; e o "ser livre" exige muita compreensão dêste problema da autoridade. Não podeis simplesmente rejeitar tôda autoridade externa e seguir o que desejardes seguir, pois o próprio ato de seguirdes o que desejais cria outra autoridade. Podeis rejeitar a autoridade externa, mas resta a autoridade interior da experiência, e essa experiência está baseada no vosso condicionamento. É muito fácil rejeitar a autoridade externa; continuamos, porém, a ser ainda o resultado dessa autoridade, da tradição, da sociedade, da cultura, da civilização em que vivemos. Rejeitar o "exterior" e seguir o "interior" não significa estar livre da autoridade. Esta, por certo, é um processo unitário. Não há linha divisória entre autoridade exterior e autoridade interior: há *só* autoridade. E pode a mente que está seguindo uma autoridade, sob qualquer forma, descobrir o que é verdadeiro?

Ouvi com atenção o que digo, sem saltar a conclusões. A compulsão, a resistência, a disciplina, o seguir a autoridade, resultam do temor; e pode um espírito, embargado pelo temor, ser livre ? Só quando o espírito é livre, pode haver individualidade; mas o produzir essa liberdade espiritual é sobremodo difícil; "difícil", no sentido de que o simples desejo, o mero esfôrço, não a produzirá. O desejo e o esfôrço são reações ao nosso condicionamento; e reação não é liberdade. Pode, então, a mente libertar-se de tôda resistência, de todo desejo de encontrar uma solução para os nossos problemas ?

Não sei se me estou fazendo claro. Êste é, com efeito, um assunto muito difícil de tratar, porquanto, quando começamos a apreciá-lo, vem-nos imediatamente esta reflexão: "Se não tenho uma autoridade, um modo de conduta, como poderei guiar-me amanhã ? Se não posso servir-me do meu conhecimento do passado para descobrir o que é verdadeiro, que devo fazer" ?

Ora, não é possível vivermos de momento a momento, compreendendo cada incidente, cada experiência, cada relação, no instante em que surge ? Não pode a verdade das coisas ser percebida momento por momento ? Preciso de uma carga de conhecimentos, preciso da autoridade da experiência, para descobrir o que é verdadeiro ? Para compreender, não deve a mente estar de todo livre do passado ? Não deve desistir de traduzir a experiência imediata de acôrdo com seu conhecimento anterior, erigido em autoridade ? Mas é isso o que estamos fazendo, não é ? Quando temos um problema, de que maneira o atendemos ? Tra-

duzimos o problema de acôrdo com o nosso fundo de condicionamento, com a nossa experiência anterior; avaliamo-lo de acôrdo com os padrões que estabelecemos, ou que a sociedade estabeleceu; e, ao traduzirmos um problema, não estamos livres para compreender a verdade nêle contida. Pode a verdade relativa a qualquer problema humano ser compreendida através da autoridade da experiência ou do saber? Inteligência não é liberdade de compreensão, momento por momento?

A vida é muito complexa, e a mente mais complexa ainda e dotada de extraordinárias capacidades; e para compreender qualquer problema humano, não deve a mente considerá-lo de maneira nova, como coisa nova, e *não* partindo de um centro que armazenou, que acumulou? Isso é que é compreensão criadora, não achais? O centro que acumula é o "eu", o "ego", e, portanto, tôda ação procedente dêsse centro poderá, apenas, aumentar o problema. A Realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, deve ser algo totalmente novo, nunca dantes experimentado, completamente original; e pode uma mente que é resíduo do tempo, do passado, da autoridade, da compulsão, da resistência — pode uma mente em tais condições compreender, perceber a significação do que é verdadeiro? Entretanto, tôda igreja, tôda organização religiosa, tôda seita está sempre a falar de Deus; e os que crêem em Deus têm visões que fortalecem a sua crença. Ora, o que podemos reconhecer é sempre coisa já conhecida e, portanto, não pode ser o verdadeiro. O que é verdadeiro nunca foi anteriormente conhecido e, por conseguinte, a mente

deve compreendê-lo de maneira nova, como coisa nova; e uma das nossas principais dificuldades está em como despojar a mente de tôdas as compulsões, todos os temores, tôdas as resistências, tôdas as autoridades, a fim de que seja livre para observar, para "escutar" e compreender. O amanhã jamais é o mesmo dia; a próxima reação nunca é coisa que existiu antes; e é por traduzirmos cada reação, cada manhã, cada momento subseqüente de acôrdo com o "velho", que estão sempre surgindo mais e mais complicações em nossa existência. Não há nunca um momento em que contemplamos a vida, as árvores, os pássaros, cada incidente, de maneira original, livre e plenamente.

Não há dúvida, pois, de que a questão não é de como libertar-nos de problemas, ou de como encontrarmos soluções para êles, ou de como sermos livres da autoridade; não se trata, antes, de podermos olhar todos os problemas extraordinàriamente complexos e sutis, da vida, com uma mente pura, original, não corrompida? Isso só se pode fazer quando estamos livres de temor, porquanto o temor gera a autoridade: a autoridade de uma pessoa, a autoridade de uma igreja, de uma crença, de um dogma; e, ainda que estejamos livres de dogmas e crenças, se somos escravos da opinião dos nossos semelhantes, ainda estamos, evidentemente, agrilhoados pelo temor.

É, pois, o temor que gera a autoridade; e pode a mente ser livre de temor, do temor da insegurança em tôdas as nossas relações, o mêdo de não saber, o mêdo de não ser? Em nosso desejo de segurança, em nosso temor ao desconhecido, criamos céu e inferno, criamos deuses e visões; é de nossa mente que nascem

tôdas essas coisas. Porque, intrìnsecamente, profundamente, existe em nós o mêdo de estarmos *completamente* sós, a nossa mente astuciosa começa a acumular propriedades, conhecimentos, experiências; e, uma vez que estamos na sujeição dêsse "processo", "projetamos" aquilo que *deve ser* a Realidade ou Deus; e isso é mera especulação; portanto, sem nenhum significado. Criamos inumeráveis formas de crença, atrás das quais a mente se abriga.

Pois bem. Pode a mente ser livre de todo êsse "processo" e viver *simplesmente*, dia por dia, còmpreendendo a vida tal como se apresenta momento por momento? Afinal, o atemporal, a eternidade inefável é isto: quando a própria mente *é* o desconhecido. Por ora, a mente é o conhecido, resultado do tempo, de ontem, do saber, de experiências e crenças acumuladas, e, nesse estado, a mente jamais chegará a conhecer o desconhecido. Isto não é uma forma vaga de misticismo. Por certo, se desejo conhecer uma coisa *nunca* dantes experimentada, que não faz parte do tempo, que não pode ajustar-se ao molde da autoridade, é necessário minha mente esteja *de todo* livre do passado, o que significa que deve estar liberta de temor. Ante isso, nossa reação imediata é a seguinte: "Como posso ficar livre do temor? Sei que tenho mêdo, mas como ficar livre dêle?". Não é esta a nossa reação instintiva? Ouvi com atenção a pergunta, e encontrareis a resposta. Pode a mente, que criou o temor, libertar-se dêle? No seu desejo de segurança, a mente se abriga na crença, engendrando assim o temor e tornando-se, ela própria, incapaz de fazer frente ao desconhecido; e pode a entidade que dá nascimento ao

temor ser livre de temor ? Sem dúvida, o seu próprio desejo de ser livre de temor é resultado do temor; por conseguinte, todo o esfôrço da mente para livrar-se do temor faz parte, ainda, do temor. A mente pode apenas estar cônscia do temor e manter-se completamente passiva em presença dêle. Nesse percebimento passivo não há escolha, não há esfôrço para dormir e, quando a mente se acha nesse estado, não há temor algum. A mente, porém, nunca se achará nesse estado de percebimento, enquanto houver esfôrço para dominar.

Tende a bondade de escutar com tôda a atenção, e percebereis a verdade disso. A mente, que é pensamento, gera temor, não é exato ? Nós, em geral, vemo-nos sós e não sabemos o que significa essa solidão; nunca a examinamos, jamais a compreendemos, porque estamos sempre a fugir dela por meio de alguma distração. Só compreenderemos a solidão quando a enfrentarmos, e só a enfrentaremos quando não a temermos. Quando fugimos da solidão, damos entrada ao temor; nossa fuga *é* temor. Nessas condições, a mente está criando temor continuamente — temor do que irá acontecer amanhã, do que acontecerá quando morrermos. O pensamento, resultado do passado, está sempre a projetar-se no futuro e gerando temor.

A mente em tempo algum se libertará do temor enquanto estiver fazendo esfôrço para dêle fugir. Pode, apenas, estar cônscia do seu mêdo e manter-se *completamente* passiva, sem *nenhuma* escolha. Vê-la-eis tornar-se extraordinàriamente tranqüila, e como nessa tranqüilidade pode resolver-se o problema do temor. Nessa tranqüilidade mental, a autoridade se desvaneceu de todo. Que necessidade tendes de autoridade, quando

estais vendo, momento por momento, o que é verdadeiro ? A verdade não depende de avaliação ou julgamento e, quando percebe isso de maneira completa, a mente é então, ao mesmo tempo, experimentador e coisa experimentada; e, em conseqüência, está apta a transcender a si mesma.

Tudo isso exige muita paciência e atenção, um percebimento isento do desejo de vir a ser, de evitar ou obter. É por estarmos eternamente desejando realizar algum fim, ser bem-sucedidos, ou evitar algo, que criamos o temor. O temor multiplica problemas, o temor embarga a mente, prendendo-a ao passado, e por isso a mente é, ela própria, o centro do temor. Sòmente ao compreender o pleno significado do não desejar ser algo, de ser, *não* como uma fôlha em branco, mas completamente vazia, de todo silenciosa — só então lhe é possível, à mente, resolver cada problema no momento em que surge.

PERGUNTA: Eu desejaria ser isento do espírito de competição; mas, como se pode viver sem competir, numa sociedade altamente competidora ?

KRISHNAMURTI: Vêde, admitimos como coisa inevitável que teremos de viver nesta sociedade de competição; estabelecemos, pois, uma premissa para ponto de partida. Enquanto disserdes: "Tenho de viver nesta sociedade competidora" — sereis competidor. A sociedade é ávida, cultua o bom êxito, e se também desejais ser bem-sucedido, sois obrigado, naturalmente. a competir.

Mas o problema é muito mais profundo e momentoso do que a mera competição. Que está na base do desejo de competir ? Em tôdas as escolas ensinam-nos a competir, não é verdade ? A competição se exemplifica no dar notas, no comparar o menino pouco inteligente com o menino muito inteligente, no salientar que o menino pobre pode chegar a presidente da nação ou da General Motors ... Conheceis bem essas coisas. Porque atribuímos tanta importância à competição ? Que há de significativo nisso ? Uma das coisas que a competição implica é a disciplina, não é exato ? Tendes de controlar, ajustar, marcar um limite, ser como os demais, porém melhor. E, assim, vos disciplinais para lograr o desejado êxito. Prestai atenção a isto: onde existe o estímulo à competição, tem de haver também o processo de disciplinar a mente, segundo um certo padrão de ação; e não é esta uma das maneiras de controlar uma criança ? Se desejais *tornar-vos* alguma coisa, tendes de controlar, de disciplinar, de competir. Fomos criados segundo êsse princípio, e o transmitimos aos nossos filhos. E, entretanto, falamos de dar à criança liberdade para descobrir !

A competição oculta o estado do nosso próprio ser. Se desejais compreender a vós mesmo, ireis competir com outro, ireis comparar-vos com alguém ? Podeis compreender-vos por meio de comparação ? Podeis compreender alguma coisa por comparação, julgamento ? Compreendeis um quadro comparando-o com outro quadro, ou só o compreendeis quando a vossa mente está tôda absorta no quadro, sem fazer comparações ?

Estimulais o espírito de competição em vosso filho, por desejardes tenha êle bom êxito naquilo em que o

não tivestes; desejais preencher-vos por meio de vosso filho ou de vossa pátria. Pensais que o progresso, a evolução, consistem em julgamento, comparação; mas, quando é que comparais, quando competis? Só o fazeis quando estais inseguro a vosso próprio respeito, quando não compreendeis a vós mesmos, quando existe temor no vosso coração. Compreender a si mesmo é compreender todo o processo da vida, e o autoconhecimento é o começo da sabedoria. Sem autoconhecimento, porém, não há compreensão: apenas ignorância; e a perpetuação da ignorância não é progresso.

É então necessária a competição para compreendermos a nós mesmos? Preciso competir convosco para compreender a mim mesmo? E porque rendemos culto ao sucesso? O homem incapaz de criar, que nada encerra em si mesmo, êsse homem é que está sempre a esforçar-se, na esperança de um ganho, na esperança de tornar-se algo; e como quase todos nós somos interiormente pobres, interiormente indigentes, competimos, a fim de nos tornarmos exteriormente ricos. A ostentação exterior de confôrto, de posição, de autoridade, de poder, deslumbra-nos, porque é essa coisa que desejamos.

Tudo isso é òbviamente verdadeiro; entretanto, se o ouvis com o pensamento de que tendes de viver neste mundo de competição, não estais escutando *realmente* — estas sòmente comparando. Se não competirdes, podereis perder o emprêgo; se isso acontecer, que será das vossas responsabilidades, quem irá sustentar os vossos filhos? E, nessas condições, continuais numa roda-viva de competição. O homem que está todo interessado em descobrir o que é verdadeiro, que

se acha num estado de revolta, tem necessàriamente de sujeitar-se a muitos desconfortos físicos, não é verdade? Pode perder o seu emprêgo. Porque não? A mente sempre agarrada à segurança nunca encontrará a realidade. Só quando a mente compreender o real, serão resolvidos os nossos problemas, e não antes disso. O que quer que façamos, por mais sagazes que sejam as nossas mentes, por mais conhecimentos que adquiramos, qualquer que seja o processo de análise que adotarmos, — enquanto não encontrarmos o Real, que tem de ser descoberto a cada minuto, não haverá solução definitiva para os problemas humanos.

Surge a competição quando existe o desejo de sermos bem-sucedidos, de nos tornarmos algo no mundo material ou no mundo do saber, da intenção psicológica; e, enquanto a mente estiver competindo, comparando, julgando, jamais conhecerá o Real. Só quando a mente deixou completamente de escolher, de comparar, de julgar, de condenar, só então existe a possibilidade de se ver o que é verdadeiro, momento por momento; e aí se encontra a solução de todos os nossos problemas.

27 de junho de 1953.

IV

ACHO que muito importa a atitude com que comparecemos a estas reuniões, porque para mim elas são muito sérias. Não viestes aqui para encontrar-vos com vossos amigos, o que podeis deixar para mais tarde, ou para passar uma hora entretida, num mero debate verbal, opondo uma idéia ou opinião a outra. Tentamos examinar o muito complexo problema do viver, e para isso se requer muita seriedade de propósitos. Em vista disso, não tem evidentemente nenhum cabimento o tirarem-se fotografias ou a solicitação de autógrafos, pois isso é uma das muitas coisas fúteis que fazemos quando não temos propósitos verdadeiramente sérios; e desejo pedir-vos não considereis esta nossa reunião como um curioso ajuntamento de pessoas excêntricas, mas como um concurso de pessoas muito sèriamente interessadas em descobrir o pleno significado do viver. Tal é pelo menos o meu ponto de vista, e a coisa me interessa muito sèriamente. Há tanto caos, tanta miséria e confusão neste mundo; e, por menos numerosa que seja esta assembléia, se pudermos examinar êste problema

muito atentamente, não só durante cêrca de uma hora, numa tarde de sábado ou manhã de domingo, mas continuamente, em todo o correr da semana, talvez então alcancemos um ponto em que nós mesmos seremos os missionários, e não simples ouvintes; em que começaremos a falar sôbre estas coisas, das profundezas de nossa própria compreensão e experiência. Assim, a minha intenção, quando vos falo aqui, não é a de pôr-me em destaque ou de "preencher-me", o que evidentemente seria muito infantil, mas, sim, de ver se não podemos, juntos, despertar aquela inteligência, aquela perspectiva integral da vida, que habilitará cada um de nós a ser a chama que produz a revolução fundamental e radical em nosso próprio pensar, e portanto, quiçá, no mundo que nos rodeia. Se prevalecer aqui um espírito de serenidade, um senso de dignidade, um respeito mútuo, que exige atenção igual por parte de todos, talvez possamos examinar profundamente êstes problemas, não nos satisfazendo com descrições, com o mero arranhar da superfície.

Desejo, se possível, discorrer nesta manhã sôbre o problema da experiência, investigar o que é experimentar e — se não efetuarmos uma revolução fundamental *no centro* — que possibilidade existe de experimentarmos, sem darmos continuidade à experiência do passado. Pois bem. Que centro *é* êsse? Sem dúvida, é o "eu", o "ego", a mente, a mente que é tão sensível, sobremodo hábil e capaz de compreender uma tão grande variedade de experiências, de armazenar inúmeras lembranças, que pode inventar, que sabe planear um avião capaz de voar a catorze mil pés de altura, a uma velocidade de seiscentas milhas horárias.

Este centro, máquina complexa, de potencialidades ilimitadas, está circunscrito pela idéia do "eu": *meu* prazer, *minha* segurança, *minhas* vaidades, *minhas* posses, *meu* progresso, *meu* preenchimento. É um centro de afeição, de ódio, de prazeres efêmeros, de inveja, avidez e sofrimento. E posso realizar uma revolução nesse centro, de modo que o "eu" se torne inexistente? Porque o "eu" é a fonte de todo sofrimento, não é verdade? Ainda que o "eu" tenha satisfações passageiras, alegrias e afeições superficiais, êle está constantemente multiplicando problemas e produzindo sofrimento. Por mais alto ou em qualquer nível que eu coloque o "ego", êle estará sempre compreendido no campo do pensamento; e o pensamento, para a maioria de nós, é dor, é sofrimento, é uma batalha constante entre o que sou realmente e o que *deveria ser*. E, no entanto, esta máquina, esta mente, sempre a pensar em si mesma e na sua segurança, é também capaz de expansão infinita.

Não sei se já pensastes alguma vez na extraordinária significação, nas notáveis nuanças e sutis profundezas que têm para a mente palavras como "amor" e "morte". E, entretanto, esta mente com tôdas as suas sutilezas e sua ligeireza de movimentos está agrilhoada pela idéia do "eu": o "eu" que não é amado e *deve* ser amado, o "eu" que *deve* amar, o "eu" que terá de morrer. E é possível que êsse "eu", êsse "ego", deixe de existir completamente? Tal é, fundamentalmente, o nosso problema, não achais? Tôdas as religiões, — não as igrejas organizadas, mas todos os verdadeiros instrutores, tôdas as civilizações e culturas sempre lutaram para eliminar o "eu", o senso do esfôrço separado. Vários governos têm feito esforços extraordinários para

destruir o "eu", pela tirania da esquerda ou da direita, pela dominação totalitária sôbre o pensamento do "eu", com o propósito de criar uma civilização de trabalho cooperativo. Todavia, êsse "eu" está constantemente se afirmando, traduzindo tôda experiência, tôda reação, todo movimento do pensar em conformidade com seu próprio centro. O "eu", o "ego" é fonte de conflito e dor, de luta perene por vir a ser, realizar, alcançar; e, enquanto não percebermos êsse fato, a nossa mente, por mais hábil e sutil e ilustrada que seja, só haverá de criar mais problemas e produzir mais sofrimentos. Assim, pois, aquêles dentre nós que tiverem intenções realmente sérias devem evidentemente orientar a sua indagação no sentido de descobrir se êsse "eu" pode chegar a um fim.

Ora, que é êsse "eu" ? Um processo de reconhecimento, não é? Um centro de experiência, de temor, de alegria, de passageiro preenchimento, de memória. Se não existe "eu", não há experiência com que a mente possa identificar-se, chamando-a *minha* experiência.

Não vos estou dizendo nada de novo. Pelo contrário, apenas descrevo o que realmente se passa em cada um de nós. O que expresso verbalmente tem de ser, por fôrça, muito limitado; mas se, enquanto escutais, observais êsse processo em vós mesmos, começareis a perceber as complexidades, as extraordinárias sutilezas do vosso próprio pensar; tornar-vos-eis cônscios de vosso próprio centro, dêsse arrogante ou negativo estado da mente, que se chama "eu" e que está sempre ávido de algum ganho, quer aceitando, quer rejeitando.

O "eu", pois, é um centro de reconhecimento e experiência; e visto como cada experiência é traduzida pela mente de acôrdo com êsse centro, ela está sempre limitando-se a si mesma. Enquanto existir o "eu", a mente não poderá passar além, por mais hábil e por mais fantàsticamente sutil que seja. Enquanto tôda experiência fôr traduzida em têrmos referentes ao "eu", em têrmos de gôsto e desgôsto, como pode a mente passar além? Uma mente tôda empenhada em buscar o prazer e evitar o sofrimento, que está sempre limitando a si mesma com os seus esforços, suas exigências e temores — como pode essa mente experimentar ou compreender aquilo que existe além dela própria? E, entretanto, se temos inclinações sérias, é essa a coisa que estamos procurando, não é verdade? Naturalmente, se estamos satisfeitos dentro da rotina dos prazeres e dores de cada dia, não existe então problema algum; continuaremos o nosso caminho, substituindo uma dor por outra, um prazer por outro, uma crença ou dogma por outro. Porém, se desejamos ir mais longe, se queremos investigar, descobrir, então, por certo, o "eu", que está perenemente limitando a mente, tem de acabar-se.

Mas, como pode terminar êsse "eu", êsse "ego", êsse mover-se do pensamento que se concentra e se fecha em tôrno do "eu"? Êsse centro se alimenta pela experiência, não é verdade? E que é experiência consciente ou inconsciente? Esta questão é importantíssima; pensemos nela juntos.

Experiência é continuação da memória, não é? Se me encontro com uma pessoa completamente estranha, não há reconhecimento. Todavia, se já conheço a pes-

soa, funciona imediatamente o processo de reconhecimento: experimento prazer ou desprazer, lisonja ou insulto. A mente, por conseguinte, traduz sempre a experiência de acôrdo com o conhecido. Conseqüentemente, o desconhecido, aquilo que se não pode investigar, se torna temível, uma coisa de fazer mêdo: o amanhã, a morte, o futuro. Sentindo mêdo, a mente constrói teorias, esperanças, ideais, e tudo isso vai dar mais fôrça ao "eu". Tal é o processo que conhecemos. Mas, se pudermos descobrir a maneira de não nutrir o "eu", em nível algum, nem alto nem baixo, então talvez possamos, negativamente, pôr fim ao "eu". Isso não se pode fazer positivamente, apenas de maneira negativa, pela verificação de como o "eu" se alimenta e subsiste. Sem dúvida, o "eu", a mente, só é capaz de pensar em função da experiência passada, em função do conhecido. Nossas religiões, nossa cultura, nossa visão das coisas, nossos ideais, estão todos em relação com o conhecido, e a mente, o "eu", apegando-se a essas coisas, se fortalece com a posse do conhecido.

Assim, uma vez cônscia de todo êsse processo, pode a mente libertar-se do conhecido e pôr-se num estado em que possa existir o desconhecido? Por certo, a única revolução verdadeira se realiza quando não existe mais o mêdo ao desconhecido. E essa revolução só é possível quando a mente percebe a futilidade do conhecido. Consciente ou inconscientemente, porém, andamos sempre em busca do conhecido; é o nosso desejo do conhecido que cria deuses, o céu, o ideal do futuro, o Estado perfeito. "Projetamos" *o que deveria ser* e obrigamos o homem a ajustar-se ao conhecido, e essa é nossa Utopia.

O homem jamais pode aperfeiçoar-se, porque sua perfeição é *sempre* "o conhecido". É muito importante pensar nisso profundamente, de princípio a fim. Vivemos lutando para nos tornarmos cada vez mais perfeitos, tanto tecnológica como psicològicamente. O esfôrço para a conquista da perfeição tecnológica é compreensível. Mas o desejo de nos tornarmos mais perfeitos interiormente, psicològicamente, é sempre um esfôrço de ajustamento ao conhecido, a algo já experimentado — o que significa que a mente só pode aperfeiçoar-se em conformidade com o passado, ou de acôrdo com a *reação* do passado. Assim como a sociedade comunista é uma reação ao Estado capitalista, ao qual está sempre oposta, assim também o esfôrço da mente para aperfeiçoar-se é uma reação ao seu próprio condicionamento; e a reação nunca é perfeita, sendo, como é, apenas um prolongamento do conhecido.

O "eu" é uma entidade total. Conquanto falemos de "consciente" e "inconsciente", só existe de fato um estado: a consciência. Conhecemos a parte que chamamos "o consciente"; a outra parte, porém, é muito difícil de conhecer-se; entretanto, a mente é um processo total que inclui tanto a consciência interior como a consciência periférica, o oculto bem como o manifesto. Ora, pode uma pessoa tomar conhecimento dessa consciência total que é o "eu" com seus desejos, suas ânsias, seus temores, seus impulsos, sua luta constante para aperfeiçoar-se, sua ânsia de preenchimento — pode uma pessoa tornar-se completamente conhecedora dêsse processo, sem fortalecer a atividade do "eu" ? E pode todo êsse processo do "eu" terminar ? Por certo, êle não pode extinguir-se por um ato de volição, nem por

meio de nenhum artifício, nem pela repetição de frases, de recitações monótonas — que é auto-hipnotização por meio de palavras — nem pela absorção nalguma fantasia idiota, tal seja a de nação, ou a fantasia de Deus.

Se começardes a examinar esta questão, vereis que êsse exame é realmente muito importante, porquanto a solução dos problemas humanos não se acha em nenhum dos níveis conscientes. Nossa consciência está atualmente limitada pelo "eu" e tôda solução proveniente do "eu" produzirá apenas maiores malefícios e mais sofrimentos. Sabendo-se isso, estando-se cônscio do processo total do "eu", é possível sua extinção?

Compreendeis como temos tentado pôr fim ao "eu", ao "ego"? Temo-lo tentado pela disciplina, por métodos de contrôle, de defesa, de resistência; tentamo-lo pela compulsão, pelo ajustamento a dogma e crença. Temo-lo tentado por meio de várias formas de sacrifício, pela abnegação em favor do que consideramos mais importante: nossa espôsa e filhos, o Estado, o mundo. Temos tentado o auto-esquecimento, na guerra, nas obras sociais, na filantropia e por fim na idéia de Deus. Recorremos a todos êsses artifícios — pois são *de fato* artifícios — e só temos produzido mais miséria, mais tirania e mais caos neste mundo.

Não precisamos ler muito para compreendermos tudo isso. Sois o resultado do passado, de tôda a luta humana, de tôdas as realizações, alegrias e sofrimentos humanos. Tôda a história da humanidade está contida em *vós* e se sabeis lê-la não precisais mais ler livro nenhum. Para se descobrir isso, não é necessária nenhuma filosofia ou sistema. Assim, pois, a pergunta que me

faço e que espero façais também a vós mesmo, é a seguinte: "Pode essa coisa chamada "eu", que, como um fio, permeia tôdas as nossas ações, todos os nossos pensamentos, todos os nossos movimentos afetivos — pode essa coisa terminar? Fazei, por favor, esta pergunta a vós mesmos, em vez de procurardes uma solução, pois qualquer solução que encontrardes há de ser uma solução positiva e, portanto, uma invenção da mente, que se tornará mais um meio de perpetuar o "eu". Todavia, se vos fizerdes a pergunta, estando inteiramente cônscios de todo êsse processo, encontrareis, não uma resposta verbal, mas aquela resposta espontânea que é uma revolução e que só pode apresentar-se quando fazeis a pergunta sem nenhuma volição; e êsse é o verdadeiro "escutar". Se vos tornardes indiscriminadamente cônscios do "eu", em tôdas as suas atividades; cônscios de todo o processo do vosso pensar, tanto o cognitivo como o oculto; se o perceberdes sem julgamento nem condenação, produzireis *infalìvelmente* aquela revolução no centro. A mente se tornará então sutil num grau extraordinário, espantosamente ativa e vigilante.

Por ora, as nossas mentes estão tolhidas pelos nossos temores, nossas frustrações, nosso desejo de bom êxito; mas se — sem julgamento, sem condenação e sem escolha — começarmos a perceber todo êsse processo da consciência, que se desenrola contìnuamente, quer despertos, quer dormindo, verificaremos que, apesar dos nossos conflitos, nossas guerras e brutalidades, uma revolução se opera no centro; e qual uma onda que rola para longe e mais longe, a ação procedente do centro tem o poder de resolver-nos tôdas as dificul-

dades. Entretanto, se forem atendidos simplesmente do exterior, os nossos problemas *nunca* serão resolvidos. É do centro que surgem todos os problemas humanos; e se houver um findar, uma cessação completa no centro, isso por si mesmo produzirá uma revolução total. Mas uma mente que, deliberadamente, procura produzir uma revolução, desprezando o centro, só haverá de criar mais sofrimento. Porque então se cria um ideal; e o idealista nunca é revolucionário: ajusta-se simplesmente a um padrão de sua própria invenção.

Tende, pois, a bondade de prestar atenção a tudo isso, de absorvê-lo em silêncio, e vereis que a ação criadora é uma coisa que nasce quando a mente está tranqüila, quando o "eu" está totalmente ausente. A atividade criadora que conhecemos ocasionalmente, resultante de agitação, não é a mesma coisa que a ação criadora livre do centro. A ação criadora livre do centro não é temporal, porque não é invenção da mente; e, sem essa ação criadora, tem a vida muito pouca significação, ainda que tenhamos tôda a prosperidade e tôdas as comodidades dêste mundo. Depressa nos cansamos do que temos, e queremos mais comodidades, novas invenções. Mas a criação a que me refiro não é para dar-nos satisfação, é algo totalmente desconhecido, que não pode ser concebido nem conjecturado. E virá apenas quando a mente, perfeitamente cônscia do processo total do "eu", compreende a significação dêste e, por conseguinte, não mais o nutre de experiência.

PERGUNTA: Porque é que as pessoas, tendo uma renda certa e podendo retirar-se do trabalho de

responsabilidade, tantas vêzes se deterioram e desintegram psicològicamente?

KRISHNAMURTI: A deterioração é mera resultante da renda certa? A renda certa talvez apenas exagere a deterioração já existente. Não, meus senhores, não vos riais disso, como se nada fôsse. Interessa-nos saber porque a mente se deteriora numa determinada fase, ou por que razão ela *se deteriora?* Um homem que está trabalhando, ganhando dinheiro, freqüentando regularmente um escritório, não se está deteriorando, *aparentemente,* pois está em atividade; ao cessar, porém, essa atividade, torna-se perceptível a deterioração. A mente sujeita a uma rotina, seja a rotina de um escritório, de um rito, ou a rotina de um certo dogma, já se está deteriorando, não é verdade? Por certo, vale muito mais a pena descobrir as causas determinantes da deterioração da mente, do que inquirir por que razão o vosso vizinho se desintegra, quando se retira das atividades. Se pudermos realmente compreender só esta questão, talvez venhamos a conhecer a eternidade da mente.

Porque se deteriora a mente — não apenas a vossa, mas a mente do homem? Pode-se ver que o fator da deterioração surge quando a mente se transforma em máquina de hábito, quando a sua educação é mero exercício de memória, e quando se acha numa luta incessante, procurando ajustar-se a um padrão impôsto de fora ou criado por ela própria. Há mêdo, deterioração, destruição da mente, quando ela está constantemente a buscar segurança, ou quando onerada do desejo de preencher-se. E tal é o nosso estado, não é verdade? Ou

estamos na sujeição do hábito, da rotina, fazendo a mesma coisa sempre e sempre, exercitando-nos na virtude, ajustando-nos ao padrão de uma disciplina, para chegarmos a um certo resultado, para encontrarmos segurança psicológica ou material; ou, ainda, estamos a competir, a fazer esforços inauditos, na nossa ambição de sucesso mundano. Certo, é isso o que cada um de nós está fazendo, e, por conseguinte, já pusemos em funcionamento o mecanismo da deterioração. Se qualquer dessas reações existe em nós, em qualquer nível que seja, estamo-nos deteriorando.

Pois bem. Pode a mente renovar-se com freqüência? Pode a mente ser criadora momento por momento? Não me refiro à criação compreendida como mera atividade de planear e expressar, compreendida como capacidade ou aplicação de uma técnica. Não me estou referindo à criação sob nenhum dêsses aspectos. Mas pode a mente experimentar o desconhecido? Sem dúvida, só no estado de não-cognoscibilidade não há deterioração. Qualquer outro estado acarretará, por fôrça, o envelhecer da mente. Como qualquer mecanismo pôsto a funcionar seguidamente durante dias, semanas, meses e anos, a mente, sempre em atividade, se deteriora, inevitàvelmente. Enquanto fizerdes uso da vossa mente como se fôsse máquina, para realizar, produzir, ganhar, tendes em vós as sementes da deterioração, da velhice e da decrepitude. E quer se trate de um menino de dezeseis anos ou de um velho de sessenta, o "processo" é o mesmo. Nós, porém, em geral, não estamos cônscios dêsse processo de deterioração. Estamos cônscios, apenas, de nos acharmos entre as rodagens da máquina de prazeres e dores e sofrimentos, e da nossa

luta para sairmos dela. A mente, pois, nunca está quieta, despreocupada; sempre se acha envolvida com alguma coisa: com Deus, com o comunismo, com o capitalismo, com o enriquecer, com a opinião dos outros ou... com a cozinha. Com quantas coisas anda ela ocupada! Como está constantemente ocupada, nunca é livre, jamais, tranqüila. Só a mente que está tranqüila — não por estar insensibilizada, mas por encontrar-se naquele estado de silêncio que é criador — só essa mente pode sustar a deterioração. A imunidade à deterioração não é possível à mente que se preenche pelo exercício de capacidades. À medida que nos tornamos mais idosos, a capacidade se embota. Podeis ser um pianista exímio; com o envelhecer, porém, vem o reumatismo, vêm os achaques, vem a cegueira, ou podeis ser vitimado por um acidente. A mente que anda à procura de preenchimento, em *qualquer* sentido, em *qualquer* nível, já contém em si a semente da destruição. É o "eu" que quer preencher-se, quer tornar-se alguma coisa; vendo-se vazio, frustrado, busca o "eu" preenchimento em *minha* família, *meu* filho, *minha* propriedade, *minha* idéia, *minha* experiência. Quando reconhecemos tudo isso e percebemos-lhe os perigos, só então a mente pode estar vazia momento por momento, dia por dia, não embargada pela carga do passado ou pelo temor do futuro. O viver naquele momento não é nenhuma coisa fantástica, só concedida a uns poucos. Afinal de contas, como disse, cada um de nós vive num mundo de sofrimento, luta, dor, efêmera alegria, e cada um de nós *deve* encontrar aquela coisa desconhecida; ela não foi reservada só para um e negada aos demais. É juntos que podemos criar um mundo novo; mas êste

mundo novo não pode nascer da revolução exterior, que produz decomposição.

A mente se deteriora quando busca um fim, quando se submete à autoridade, nascida do temor. Há um definhar-se da mente, quando não há autoconhecimento, e o autoconhecimento não é uma coisa que se possa aprender de um livro. Êle tem de ser descoberto a cada momento, o que requer uma mente vigilante em extremo; e a mente não está vigilante quando achou um fim. Assim, o fator que acarreta a deterioração se encontra em nossas próprias mãos. A mente, prêsa à experiência, vivendo da experiência, nunca encontrará o incognoscível. O incognoscível só pode manifestar-se quando o passado já não existe; e só não existe passado, quando a mente está tranqüila.

28 de junho de 1953.

V

REPUTO especialmente importante compreender-se a questão do conhecimento, do saber. Nós, em geral, parecemos tão sequiosos de saber; estamos sempre a adquirir não só posses, coisas, mas também idéias. Andamos sempre de um instrutor para outro, de um livro, de uma religião, de um dogma, para outro. Passamos a vida adquirindo idéias, acreditando ser, essa aquisição, importante para a compreensão da existência. Desejo, pois — se me é permitido — examinar êsse problema, para ver se essa atividade de acrescentamento, por parte da mente, produz liberdade, e se o saber pode resolver algum problema humano. O saber poderá resolver problemas superficiais, mecânicos; pode êle, porém, libertar a mente, tornando-a capaz de perceber de modo direto o que é verdadeiro ? É sem dúvida importantíssimo compreender-se esta questão, porquanto sua compreensão nos levará à revolta contra a mera metodologia, que constitui um obstáculo, salvo quando se trata de alcançar algum resultado mecânico. Estou falando a respeito do processo psicológico da mente e considerando

se é possível despertar a capacidade criadora individual — que naturalmente é da máxima importância, não achais ? A aquisição de saber, tal como o entendemos, gera capacidade criadora ? Ou, para tornar-se capaz de conhecer êsse estado criador, a mente deve estar livre de tôda atividade acumuladora ?

Quase todos nós lemos livros ou assistimos a conferências, com o fim de compreender; quando temos um problema, estudamo-lo, ou procuramos alguém para conversar sôbre êle, esperando que assim o problema seja resolvido ou possamos descobrir algo novo. Estamos sempre recorrendo a outros ou à nossa própria experiência — que é na essência conhecimento — na esperança de resolvermos os numerosos problemas que se nos antepõem. Recorremos aos intérpretes — os que dizem compreender algo mais — os intérpretes não só destas palestras, mas também dos livros sagrados. Parecemos incapazes de ocupar-nos com um problema diretamente, sòzinhos, sem contar com a ajuda de *ninguém*. E não é importante averiguar se a mente, na sua atividade acumuladora, é capaz, em algum tempo, de resolver algum problema psicológico, espiritual ? Não deve a mente achar-se *de todo* desocupada, para que possa perceber a verdade existente em qualquer conflito humano ?

Espero tenhais paciência para examinar êste problema não tão só enquanto *eu* o descrevo, pois todos nós somos por êle atingidos. Afinal, porque vos achais aqui ? Alguns, por certo, aqui estão por mera curiosidade; dêsses não nos ocuparemos. Outros, porém, devem estar muito sèriamente interessados; e se estais interessados, qual a intenção que vos sustenta

o interêsse ? É a intenção de compreender o que estou dizendo e, em caso de incompreensão, pedir a outro que explique o que eu disse, fazendo assim com que surja o "processo" da exploração ? Ou estais a escutar-me com o fim de descobrir se o que digo é verdadeiro *em si,* e não porque *eu* o digo ou porque outro vo-lo explica ? Positivamente, os problemas de que tratamos aqui são problemas *vossos,* e se puderdes vê-los e compreendê-los diretamente, por vós mesmos, resolvê-los-eis.

Todos nós temos muitos problemas, e há evidente necessidade de uma transformação; mas pode a transformação realizar-se pelo "processo" da mente? Refiro-me à transformação fundamental, e não à mera reforma sociológica ou econômica. Sem dúvida, foi a mente que criou os nossos problemas; e pode ela resolver os problemas que criou ? A solução dêsses problemas se encontra na aquisição de mais saber, de mais ilustração, no aprender novas técnicas, novos métodos, novos sistemas de meditação, no passar de um instrutor para outro ? Tudo isso é evidentemente muito superficial; e não importa averiguar o que é que torna a mente superficial, qual é a causa da superficialidade ? Para a maioria de nós, o problema é êste, não é ? Somos muito superficiais, não sabemos examinar profundamente os nossos conflitos e os nossos problemas; e quanto mais recorremos a livros, a métodos, a exercícios, à aquisição de saber, tanto mais superficiais nos tornamos. Êste é um fato óbvio. Pode uma pessoa ler livros incontáveis, assistir a conferências altamente intelectuais, acumular vastos cabedais de ilustração; mas se não souber penetrar em si mesma, para descobrir a verdade,

para compreender o processo total da mente, os seus esforços, por certo, só haverão de torná-la mais superficial ainda.

Nessas condições, ser-vos-á possível não permanecer meramente no nível superficial, verbal, mas descobrir o processo do vosso próprio pensar e transcender a mente? O que estou dizendo não é muito complicado. Estou apenas descrevendo o que se está passando dentro de cada um de nós; mas, se viveis no nível verbal, se a descrição vos satisfaz e achais desnecessário experimentar diretamente, então, estas palestras serão de todo inúteis. Recorrereis, nesse caso, aos intérpretes, aos que se propõem explicar-vos o que estou dizendo — coisa absolutamente absurda. É muito melhor "escutar" uma coisa diretamente, do que pedir a outro que explique a sua significação. Não podemos chegar-nos à fonte sem necessitarmos de interpretação, sem que nos guiem para descobrirmos como é a fonte? Se somos guiados para descobrir, isso não é descobrimento, não achais?

Por favor, compreendei bem êste ponto. Para se descobrir o que é verdadeiro, o que é real, não se precisa de nenhuma indicação. Quando vos guiam para descobrir, isso não é descobrimento: apenas vêdes o que alguém vos mostrou. Se descobris sòzinho, porém, a experiência é então de todo diferente; é uma experiência original, aliviada do passado, do tempo, da memória, inteiramente livre da tradição, do dogma, da crença. *Êsse* descobrimento, que é criador, é *totalmente* novo; mas, para chegar a êsse descobrimento, deve a mente ser capaz de penetrar e ultrapassar tôdas as camadas superficiais. Podemos fazê-lo? Visto serem

todos os nossos problemas — políticos, sociais, econômicos, pessoais — essencialmente problemas religiosos; visto serem reflexos do problema interior, do problema moral, — a menos que resolvamos êste problema central, todos os demais se multiplicarão. Êsse problema não pode ser resolvido pelo expediente de seguirmos *alguém*, pela leitura de um livro, pela prática de uma técnica. No descobrimento da realidade, são inteiramente inúteis todos os métodos, uma vez que tendes de descobrir por vós mesmos. O descobrimento implica completa independência, e a mente não pode ser independente se está vivendo de explicações, de palavras, praticando algum método ou dependendo da tradução do problema feita por outro.

Nessas condições, compreendendo que, desde a infância, nossa educação, nosso ensino religioso, nosso ambiente social, concorreram todos para tornar-nos extremamente superficiais, pode a mente pôr de parte a sua superficialidade, êsse constante "processo" de aquisição, negativa ou positiva, — pode ela pôr de parte tudo isso e ser, não como uma fôlha em branco, mas desocupada, criadoramente vazia, de modo que não esteja mais a fabricar seus próprios problemas e buscando solucioná-los? Por certo, é por sermos superficiais que não sabemos penetrar profundamente, descer às profundezas de nós mesmos; e imaginamos poder alcançar essas profundezas aprendendo coisas ou ouvindo conferências.

Ora, que é que faz a mente superficial ? Por favor, não me escuteis simplesmente; antes, observai, sêde cônscios de vosso próprio pensar, quando se vos coloca tal questão: que faz a mente superficial? Porque

não pode a mente experimentar algo que é verdadeiro, existente além de suas próprias "projeções"? Não é principalmente a satisfação, que cada um de nós está buscando, que torna a mente superficial ? Desejamos a todo custo ser lisonjeados, encontrar satisfação; por essa razão procuramos métodos de alcançar êsse objetivo. E existe *de fato,* em algum tempo, uma coisa tal, como seja a satisfação ? Embora possamos satisfazer-nos temporàriamente e modificar o objeto de nossa satisfação conforme a nossa idade, existe satisfação *em algum tempo ?* O desejo busca constantemente satisfazer-se e, por isso, estamos sempre a passar de uma satisfação para outra, e quando nos vemos embaraçados nas complicações de cada satisfação nova, mais uma vez nos tornamos insatisfeitos e procuramos desvencilhar-nos. Apegamo-nos a pessoas, seguimos instrutores, aderimos a grupos, lemos livros, adotamos sucessivamente várias filosofias; mas o desejo central permanece o mesmo: queremos satisfazer-nos, estar em segurança, tornar-nos alguém, alcançar um resultado, conseguir um fim. Êsse processo não é, todo êle, uma das causas primárias da superficialidade da mente?

E não é a mente superficial por pensarmos sempre em têrmos relativos à aquisição? A mente está sempre ocupada ou em adquirir, ou em rejeitar, despojar-se daquilo que adquiriu. Há tensão entre o adquirir e o rejeitar, e vivemos sempre nessa tensão; e ela não contribui para a superficialidade da nossa mente?

Outro fator que ocasiona a superficialidade é a incessante ocupação da mente em tôrno de suas tribulações, em tôrno de alguma filosofia, de Deus, de idéias, de crenças, ou a respeito do que ela deve fazer ou do

que não deve fazer. Enquanto a mente viver absorvida, preocupada, empenhada com relação a alguma coisa, não será ela sempre superficial? Por certo, só a mente que está desocupada, totalmente livre, não emaranhada em nenhum problema, despreocupada de si mesma, de suas realizações, dores, alegrias e tristezas, — só essa mente pode deixar de ser superficial. E não pode a mente viver dia por dia, fazendo as coisas que tem de fazer, livre dessa preocupação?

No que respeita a quase todos nós, com que está ocupada a nossa mente? Quando observais a vossa própria mente, quando estais cônscios dela, com que está ela preocupada? Está preocupada a respeito de como tornar-se mais perfeita, ter mais saúde, obter um emprêgo melhor; preocupada sôbre se é amada ou não é amada, se está progredindo; sôbre a maneira de sair de um problema sem cair noutro; enfim, está preocupada consigo mesma, não é verdade? Por diferentes maneiras, ela está perenemente a identificar-se com o mais alto ou com o humílimo. E pode a mente sempre ocupada consigo mesma, ser profunda? Uma das nossas dificuldades, talvez a maior, não é essa de que as nossas mentes se tornaram sobremaneira superficiais? Surge alguma dificuldade e logo corremos para alguém, pedindo ajuda; não temos capacidade de penetração, de descobrimento; não somos investigadores de nós mesmos. E pode a mente investigar-se e conhecer-se a si mesma, se está ocupada com *algum* problema? Os problemas que criamos com a nossa superficialidade exigem, não soluções superficiais, mas a compreensão do que é verdadeiro; e não pode a mente, conhecedora das causas da sua superficialidade,

compreendê-las, sem lutar contra elas, sem procurar afastá-las para o lado? Porque, no momento em que lutamos, isso, em si, se torna outro problema, uma nova ocupação, que apenas aumenta a superficialidade da mente.

Deixai-me expressá-lo assim: se compreendo que minha mente é superficial, que devo fazer? Percebo, pela observação, sua superficialidade. Vejo que estou sempre recorrendo aos livros, aos líderes, à autoridade sob várias formas, aos Mestres, a *algum* iogue; conheceis bem as diferentes maneiras pelas quais procuramos satisfazer-nos. Percebo tudo isso. Ora, não me será possível pôr tudo isso de parte, sem esfôrço, sem manter-me ocupado a seu respeito, sem dizer: "*preciso* pôr isso de parte, para tornar-me mais profundo, mais compreensivo"? Tornar-nos algo *mais* — não é essa a preocupação constante da nossa mente e uma causa primária de sua superficialidade? Isto é o que todos desejamos: compreender mais, ter mais posses, maior capacidade intelectual, ser melhor no jôgo, ser mais belos, mais virtuosos; sempre *mais, mais* e *mais*.

Tende a bondade de prestar atenção: quando a mente está em busca do mais, do melhor, ela é incapaz de compreender a si mesma, tal como é; porque está pensando sempre em adquirir mais, em ir mais longe, em alcançar resultados maiores, fica impossibilitada de compreender o seu verdadeiro estado. Entretanto, quando a mente percebe o que ela é realmente, sem comparação nem julgamento, tem então a possibilidade de se tornar profunda, de passar além. Enquanto estamos preocupados com o *mais*, em qualquer nível da consciência, tem de haver superficialidade; e uma mente

superficial não encontrará nunca o que é real, jamais conhecerá a Verdade, Deus. Poderá concentrar-se na imagem de Deus, imaginá-la, conjecturar e forjar esperanças; mas isso não é a Realidade. O de que se necessita, portanto, não é de técnica nova, novo grupo social ou religioso, mas, sim, indivíduos que sejam capazes de ultrapassar o superficial; e não se pode transcender o superficial, quando a mente está ocupada com o *mais* ou com o *menos*. Se a mente está tôda interessada em ter mais propriedade ou menos propriedade; se a propriedade constitui a sua constante preocupação, esta mente, por certo, é muito superficial e muito estúpida. E a mente aplicada em tornar-se mais virtuosa é igualmente estúpida, pois está também interessada em si mesma e nas suas aquisições.

Assim, pois, a mente é resultado do tempo, que é o processo do *mais;* e não pode a mente estar cônscia dêsse processo e ser o que é, sem procurar modificar-se ? Certo, a transformação não pode ser efetuada pela mente. A transformação se realiza quando se vê a verdade. E a verdade não é o *mais*. A transformação — única revolução real — se acha nas mãos da Realidade, e não na esfera da mente.

Não importa, por conseguinte, que cada um de nós não apenas se limite a ouvir estas conferências, mas que todos nos tornemos cônscios de nós mesmos e permaneçamos neste estado de percebimento, sem recorrermos a intérpretes ou guias e sem desejarmos algo *mais*? Nesse estado de percebimento, em que não existe escolha, condenação ou julgamento, percebereis tudo o que se passa, conhecereis o processo da mente, tal como é de fato; e quando a mente está assim cônscia de si

mesma, ela se torna tranqüila, despreocupada, serena. E só nessa tranqüilidade existe a possibilidade de se perceber o que é verdadeiro e de realizar-se a transformação radical.

PERGUNTA: Porque será que neste país parecemos sentir tão pouco respeito pelos outros?

KRISHNAMURTI: Não sei em que país existe respeito aos semelhantes. Na Índia, as mesmas pessoas que nos cumprimentam com profundas inclinações e nos oferendam grinaldas e flores, maltratam os vizinhos, os criados e os animais. Isso é respeito? Aqui, como na Europa, há respeito ao homem possuidor de automóvel caro e palacete; há respeito para com os considerados superiores e desprêzo aos demais. Mas é êste o problema? Todos queremos sentir-nos iguais aos que estão mais alto, não é verdade? Queremos ombrear com os famosos, os ricos, os poderosos. Quanto mais industrializada uma civilização, tanto mais prevalece a idéia de que os pobres podem tornar-se ricos, de que o homem que vive numa cabana pode chegar a presidente, e, dêsse modo, naturalmente, não há respeito a ninguém; e, acredito, se pudermos compreender o problema da igualdade, estaremos aptos a compreender a natureza do respeito.

Ora, existe igualdade? Embora todos os governos, quer da esquerda, quer da direita, salientem que todos somos iguais, somos *de fato iguais?* Tendes uma cabeça melhor, uma capacidade maior, sois mais prendado do que eu; sabeis pintar e eu não sei; sabeis inventar; eu sou um simples operário. Pode jamais

existir igualdade ? Poderá haver igualdade de oportunidade: nós dois podemos ter a possibilidade de comprar um carro; isso, porém, é igualdade ? O problema, por certo, não se refere a como promover a igualdade, econômicamente, mas ao descobrimento de se a mente pode ficar livre dessa noção de superior e de inferior, dessa tendência a venerar o homem que tem muito e a desprezar o que tem pouco. Acho que o problema é êste. Respeitamos os que estão em condições de ajudar-nos, de dar-nos alguma coisa, e desprezamos os que não podem fazê-lo. Acatamos o patrão, o homem que pode proporcionar-nos um emprêgo melhor, uma missão política; ou respeitamos o sacerdote, outra espécie de patrão, no chamado mundo espiritual. Estamos, pois, sempre respeitando e desprezando; e não pode a mente libertar-se dêsse estado de desprêzo e de falso respeito ?

Observai bem a vossa própria mente, e descobrireis não existir respeito enquanto prevalece o sentimento de superioridade e inferioridade. E o que quer que façam os governos com o fim de igualar-nos, *nunca* haverá igualdade, desde que todos nós temos capacidades diversas, diferentes aptidões; mas o que pode haver é um sentimento muito diferente, um sentimento de amor, talvez, no qual não existe o desprêzo, o julgamento, a noção de superior e inferior, o que dá e o que recebe. Senhores, isto não são meras palavras; não estou descrevendo um estado desejável, visto que o que é desejável faz surgir o problema: "Como chegarei lá ?" — o qual, por sua vez, só conduz a atitudes superficiais. Uma vez, porém, percebais a vossa própria atitude e conheçais as atividades da vossa mente, nascerá, então, talvez, um sentimento distinto, um sentimento de afeição; e não é *isso* que tem importância ?

O mais importante não é saber porque umas pessoas têm respeito e outras não, mas, sim, o despertar aquêle sentimento, aquela afeição, aquêle amor (ou como quer que o chameis) em que cessa totalmente a noção de "alto" e "baixo". E isso não é uma Utopia, não é um estado que se alcança com luta, um exercício que se deve praticar todos os dias, até chegar à meta final. Acredito, o importante é que "escutemos" a revelação dêsse estado, absorvendo-a como quem contempla um belo quadro, ou como quem ouve o canto de um pássaro; e se sabemos escutar verdadeiramente, o próprio escutar, a própria percepção realiza algo radical. Mas no momento em que a mente interfere com seus inumeráveis problemas, surge o conflito entre *o que deveria ser* e *o que é;* introduzimos então ideais e a imitação dêsses ideais, e dêsse modo nunca descobrimos por nós mesmos aquêle estado em que não existe o desejo de ser *mais,* e não existe, por conseguinte, o desprêzo. Enquanto vós e eu andarmos em busca de satisfação, não haverá respeito, não haverá amor. Enquanto a mente tiver o desejo de satisfazer-se *com* alguma coisa, haverá ambição; e é porque quase todos nós somos ambiciosos, em diferentes direções, em níveis diferentes, que êsse sentimento, não de igualdade, mas de afeição, de amor, se torna impossível.

Não falo de algo sôbre-humano; mas penso que, se pudermos realmente compreender a ambição, o desejo de nos tornarmos *mais,* de satisfazer-nos, de realizar, de brilhar, se pudermos "viver com êle", conhecer por nós mesmos todo o seu alcance, olhá-lo como nos olhamos a um espelho, ver exatamente o que somos,

sem condenação — se pudermos fazer tal coisa, que é o comêço do autoconhecimento, da sabedoria, haverá então a possibilidade de nascer essa afeição.

PERGUNTA: O mêdo é uma qualidade distinta, identificável, da mente, ou é a própria mente? Pode êle ser eliminado pela mente, ou só pode chegar ao seu fim depois que a mente cessar de todo? Se esta pergunta é confusa, posso formulá-la diferentemente: O mêdo é sempre um mal que cumpre vencer, e nunca um bem disfarçado?

KRISHNAMURTI: Está feita a pergunta: tentemos *juntos* — vós e eu — descobrir o que é o mêdo e se é possível erradicá-lo. Ou, como sugere o seu autor, êle talvez seja um bem disfarçado. Vamos descobrir a verdade contida nesta questão; mas, para a descobrirmos, embora seja eu quem está falando, cumpre-vos investigar os vossos próprios temores, para ver como surje o mêdo.

Temos várias espécies de mêdo, não é verdade? O mêdo existe em diferentes níveis do nosso ser; há o mêdo do passado, o mêdo do futuro e o mêdo do presente, que é a verdadeira ânsia dos viventes. Ora, que é êsse mêdo? Não é produto da mente, do pensamento? Penso no futuro, na velhice, na pobreza, na morte, e êsse quadro me faz mêdo. O pensamento "projeta" (1) um quadro que provoca ansiedade na mente; o pensamento, pois, cria o seu próprio temor, não é verdade? Fiz algo insensato e não quero que se me chame a atenção para isso, quero evitá-lo, temo

---

(1) "Projetar" (Psicologia): Externar ou *objetivar* o que, primàriamente, é *subjetivo* (Dic. Webster) (Nota do tradutor).

as conseqüências. Isso, também, é um processo de pensamento, não achais ? Quero reconquistar a felicidade da juventude; ou, porventura, vi ontem algo na montanha banhada de sol, algo que se esvaeceu, e desejo tornar a experimentar aquela beleza; ou, quero ser amado, satisfazer-me, realizar algo, quero ser alguém; por êsse motivo há ansiedade, temor. O pensamento é desejo, memória, e suas reações causam temor, não é verdade ? Temendo o amanhã, temendo a morte e o desconhecido, começamos a inventar teorias, — que renasceremos, que nos tornaremos perfeitos pela evolução, e nestas teorias a mente vai buscar proteção. Porque estamos perenemente em busca de segurança, edificamos igrejas em tôrno de nossas esperanças, nossas crenças e dogmas, pelos quais estamos prontos a lutar; e tudo isso representa, ainda, o processo do pensar, não é exato ? E se não podemos dissolver o nosso temor, nossa barreira psicológica, vamos pedir socorro a outro.

Enquanto eu pensar tão-sòmente em têrmos de realização, de preenchimento, de não-vir-a-ser, estarei sempre na sujeição do temor, não é verdade ? O processo do pensar, como o conhecemos, com seu desejo egocêntrico de ser bem-sucedido, de não sentir-se só, vazio, êsse mesmo processo é a sede do temor. E pode a mente que está tôda ocupada consigo mesma, que é produto de seus próprios temores, dissolver o temor ?

Suponhamos que um indivíduo tenha mêdo e reconheça as várias causas do seu temor. Pode aquela mesma mente que produziu o temor eliminar o temor pelo seu próprio esfôrço? Enquanto a mente estiver ocupada com o temor, procurando uma forma de li-

vrar-se dêle, descobrir o que deve fazer para vencê-lo, poderá ela, em algum tempo, ficar livre do temor ? Por certo, a mente só pode ser livre de temor quando já não está ocupada com êle — o que não significa fugir ao temor, ou tentar ignorá-lo. Em primeiro lugar, precisamos estar plenamente cônscios de que temos mêdo. Em geral, *não* temos completa consciência do temor: estamos vagamente cônscios dêle: e se chegamos a vê-lo, cara a cara, ficamos horrorizados e fugimos dêle, atirando-nos a atividades várias que só levam a novos malefícios.

Como é a própria mente produto do temor, o que quer que ela faça para o afastar de si, só pode aumentá-lo mais ainda. Nessas condições, pode alguém estar sòmente cônscio do seu temor, sem se ocupar com êle, sem julgá-lo e sem procurar alterá-lo ? Estar *cônscio* do temor, sem condenação, não significa aceitá-lo, acolhê-lo no coração. Estar cônscio do temor, sem escolha, significa simplesmente observá-lo, olhar para êle, saber que está presente e perceber a verdade a seu respeito; e o percebimento da verdade relativa ao temor dissolve-o. A mente não pode dissolver o temor por nenhuma ação dela própria; em presença do temor, o que ela deve fazer é ficar muito quieta — conhecer, e não agir. Tende a bondade de prestar atenção a isso. Devemos saber que sentimos mêdo, devemos estar *plenamente* cônscios dêle, sem nenhuma reação, sem nenhum desejo de alterá-lo. A alteração, a transformação não pode ser operada pela mente; só pode realizar-se pelo percebimento da verdade, e a mente não pode perceber o que é verdadeiro quando está *preocupada* a respeito do temor, quando o está condenando ou desejando

livrar-se dêle. Tôda ação da mente com respeito ao temor, aumenta-o, apenas, ou ajuda à mente a fugir dêle. Só há um estado livre de temor quando a mente, de todo cônscia dos seus temores, não está em atividade com relação a êles. Surge então um estado completamente diferente, um estado que a mente de modo nenhum pode conceber ou inventar. Eis porque é tão importante que se compreenda o "processo" da mente, não de acôrdo com algum filósofo, analista ou instrutor religioso, mas tal como êle está realmente funcionando em vós, momento por momento, em tôdas as vossas relações, — quando repousais, andais, ouvis alguém, quando ligais o rádio, ledes um livro ou conversais à mesa. Estar plenamente cônscio de si mesmo, sem escolha, é manter a mente numa extraordinária vigilância; e nessa vigilância há autoconhecimento, o comêço da sabedoria. A mente que luta contra o temor, nunca dissolverá o temor; mas, quando há um percebimento passivo do temor, surge então um estado diferente, no qual o temor é inexistente.

4 de julho de 1953.

VI

SERIA muito útil e importante, parece-me, considerarmos a questão de qual é a verdadeira religião; e talvez, investigando esta questão um pouco profundamente, tenhamos a possibilidade de descobrir, de experimentar diretamente, por nós mesmos, aquêle estado que não é produto da mente e que deve ser algo desconhecido e totalmente novo, nunca dantes experimentado. Para descobrir-se, porém, e experimentar aquêle estado, acho que teremos, em primeiro lugar, de compreender o "processo" (1) do intelecto, da mente. A mente se constitui não apenas do consciente, mas também das muitas camadas daquilo a que chamamos "o inconsciente"; é um "processo" total, embora, por conveniência, a dividamos em "consciente" e "inconsciente", com as diferentes gradações de consciência existentes entre os dois. Para compreendermos as várias atividades da mente, devemos, por certo, não apenas investigar no

(1) **Processo: Tôda a série das atividades ou operações de uma faculdade. (Nota do tradutor).**

nível superficial ou verbal, mas também penetrar profundamente no "processo" do próprio pensamento.

O que desejo fazer nesta manhã, se fôr possível — e não sei se é — é produzir aquêle estado que não é concebível, que não é imaginável, que não pode ser sistematizado nem conjecturado; e isso, por certo, não requer nenhuma condição de auto-hipnose nem de mera auto-sugestão, mas, sim, o gradual desdobrar-se — enquanto falo — do processo da vossa própria mente. Podemos descobrir juntos e experimentar diretamente aquêle estado a que aspiram tôdas as religiões — despidas do seu eclesiasticismo, dos seus dogmas, dos seus ritos e inumeráveis contra-sensos? Não vou guiar-vos para o descobrirdes, pois o descobrimento tem de ser espontâneo. Deveis descobri-lo por vós mesmos. Tentarei tão-sòmente descrever como êsse estado aparece; mas, se apenas seguirdes a descrição verbal, então, é claro, não compreendereis êsse estado, que só pode surgir quando a mente já não está "projetando" nem resistindo.

Como eu ia dizendo, temos em primeiro lugar de compreender o intelecto, o processo da consciência, não apenas a superficial, senão também as suas camadas mais profundas; e, para o fazermos, precisamos, evidentemente, começar pelas reações e "respostas" (responses) verbais. Além do seu significado exterior, palavras como "deus", "comunista", "capitalista", avidez", "progresso", "morte", têm uma grande significação para a maioria de nós, não é verdade? Têm elas uma significação assim neurológica como psicológica. As palavras são símbolos; e se as não empregamos, temos símbolos sob outras formas, como a cruz

e os símbolos religiosos da Índia. E é possível abster-nos de reagir, de levantar barreiras, em reação aos símbolos? Pode a mente, naquele nível superficial, pôr de parte o processo imaginativo, especulativo, verbal, com tôdas as suas reações? É muito difícil fazê-lo, pois, no momento, a mente só pensa dentro do âmbito das palavras, dos símbolos, das imagens.

E não devemos investigar o processo do desejo? Sem dúvida, pois o desejo é parte da mente, do intelecto, da inteligência de que nos servimos no viver cotidiano. O desejo é o autêntico processo da mente, da mente que acumula, retém, que possui inúmeros impulsos, busca sensações, exige *mais,* que evita a dor e anseia pelo prazer. A mente está sempre em procura de um abrigo seguro, onde possa habitar sem ser perturbada, não é exato? Procura viver permanentemente em segurança, numa idéia, numa crença, numa experiência, numa relação. Tudo isso é o processo da mente, do que chamamos "intelecto", "inteligência individual"; isso, que faz parte da consciência, manifesta ou oculta, é tudo o que sabemos.

Pois bem. Conhecendo o processo integral de si mesma, pode a mente transcendê-lo? Pode ela estar serena, a fim de descobrir o que é verdadeiro, o que é real, o que é Deus? É isso o que desejo considerar nesta manhã. Pode a mente estar cônscia das suas numerosas camadas, das reações verbais, dos apetites puramente físicos, das necessidades e impulsos biológicos, do cunho da tradição e do ambiente, das lembranças claras e ocultas — pode a mente estar cônscia de tudo isso, sem interferir de maneira alguma? O pensamento é *sempre* condicionado enquanto é a expressão verbal

da memória; e enquanto a mente não estiver de todo livre dessa extraordinária acumulação do passado, o desconhecido, evidentemente, é inalcançável. Enquanto não desaparecer o processo de reconhecimento, não pode existir o novo.

Tende paciência, senhores; consideremos esta questão um pouco mais longamente. Afinal de contas, o que chamamos experiência é um processo de reconhecimento, não é verdade? Quando vêdes um certo animal, sabeis que é um cão, porque tendes conhecimento anterior da espécie e lhe destes um nome. Quando vos encontrais com um amigo, o reconheceis, porque tivestes experiência anterior dessa amizade. Quando há uma experiência psicológica, essa experiência foi conhecida anteriormente e lhe destes um nome. A mente pode reconhecer apenas o que já foi experimentado; *não pode* reconhecer uma coisa nova, pois o que é novo não é reconhecível. Assim, a Verdade, Deus, ou como o chamardes, tem de ser totalmente novo, não pode ser reconhecido. Se fôr reconhecido, então já foi experimentado antes, e o que já foi experimentado está compreendido na esfera do tempo. Procurai perceber isso claramente, e compreendereis algo. Não é difícil. As palavras que estou empregando podem ser difíceis; porém, o sentido, o significado do que digo é muito simples.

A função da mente é cognitiva, não é verdade? A mente reconhece, pensa; e seu pensar, seu reconhecer, seu experimentar procede todo do "fundo" (*background*) [1] da memória. Afinal, se sou hinduísta,

(1) *Background*: Todo o cabedal adquirido pela experiência, instrução, educação, etc. (Dic. Webster) (Nota do tradutor).

meu condicionamento limita o meu pensar; penso em Deus, na moral, em conformidade com a tradição e tudo o que li nas escrituras hinduístas. E os que são cristãos ou budistas, ou o que quiserdes, e que têm inclinações religiosas estão igualmente condicionados por tudo o que lhes foi ensinado.

Pois bem. O que estamos tentando — não só agora, mas sempre — é descobrir se a mente pode libertar-se do seu condicionamento e experimentar o que nunca foi experimentado anteriormente. Sem dúvida, êsse é o experimentar da Realidade e a religião verdadeira, não achais ? A religião nada tem em comum com crenças, com símbolos, ritos, promessas, com esperanças e temores, em tôrno dos quais são construídos os credos e as igrejas. Tão pouco é questão de moralidade. O indivíduo de princípios morais pode nunca vir a conhecer a Realidade — o que não significa que para conhecer a Realidade deva ser imoral. A moralidade resultante de esfôrço consciente limita a mente. A virtude só é necessária porque dá liberdade; o homem, porém, que se esforça para tornar-se virtuoso, jamais é livre.

Nessas condições, conhecendo todo o conteúdo da mente, suas recusas, suas resistências, suas atividades disciplinares, seus vários esforços visantes à segurança, coisas essas que têm o efeito de condicionar-lhe e limitar o pensar — pode a mente, como processo "integrado", estar totalmente livre para descobrir o que é eterno ? Porque, sem êsse descobrimento, sem o experimentar dessa realidade, todos os nossos problemas, com suas respectivas soluções, conduzem tão-sòmente a novos sofrimentos e desastres. Isso é óbvio, e pode-se observar

na vida de cada dia. Individualmente, politicamente, internacionalmente, em tôda e qualquer atividade, estamos sempre a criar maiores malefícios, o que será sempre inevitável, enquanto não tivermos experimentado aquêle estado de religião, aquêle estado que só é possível experimentar-se quando a mente se acha *de todo* livre.

Agora, tendo ouvido isto, podeis, ainda que por um segundo, conhecer aquela liberdade? Não podeis conhecê-la apenas por eu a estar sugerindo, pois, nesse caso, ela seria ùnicamente uma idéia, uma opinião, sem muito significado. Entretanto, se tendes acompanhado tôdas estas palestras muito sèriamente, estais começando a conhecer o processo do vosso próprio pensar, sua direção, seus intentos, seus móveis; e, em vista dêsse conhecimento, chegareis, por fôrça, ao estado em que a mente já não está a procurar, a escolher, lutando para realizar seus fins. Depois de perceber todo o seu próprio processo, a mente se torna tranqüila num grau extraordinário, sem nenhuma tendência, sem nenhuma volição, sem nenhuma ação voluntária. A vontade é ainda desejo, não é verdade? O homem ambicioso, no sentido mundano, sente um forte desejo de realizar algo, de ser bem-sucedido, tornar-se famoso, e exerce a vontade para resguardar a própria importância. De modo idêntico, exercemos a vontade para desenvolver a virtude, para alcançar um estado dito espiritual. A coisa de que estou falando, porém, é de todo diferente, ***inteiramente*** livre de *qualquer* desejo, de qualquer ação, de qualquer compulsão para ser isso ou aquilo.

Ao examinardes o que digo, estais exercendo a razão, não é verdade? A razão, todavia, conduz-nos

apenas até um certo ponto, e não mais além. Devemos òbviamente exercer a razão, a capacidade de pensar nas coisas de princípio a fim, sem pararmos a meio caminho. Mas, quando a razão alcançou os seus limites e não pode ir mais longe, então a mente já não é o instrumento da razão, da astúcia, do cálculo, do ataque e da defesa, desde que o próprio centro de onde procedem todos os nossos pensamentos e todos os nossos conflitos deixou de existir.

Pois bem. Agora que tendes ouvido estas palestras, começais, por certo, a conhecer a vós mesmos momento por momento, durante o dia, nas vossas diversas atividades; a mente está começando a conhecer-se a si mesma, com tôdas as suas tortuosidades, resistências, crenças, suas exigências, buscas, ambições, seus temores e ânsia de preenchimento. Uma vez cônscia de tudo isso, não é possível à mente, ainda que por um segundo, ficar totalmente tranqüila, conhecer um silêncio em que existe liberdade? E quando há essa liberdade silenciosa, então não é a mente, ela própria, o eterno?

Para conhecer o desconhecido, deve a mente ser, ela própria, o desconhecido. A mente tem sido até agora o resultado do conhecido. Que sois vós senão uma acumulação de coisas conhecidas: vossas tribulações, vossas vaidades, vossas ambições, dores, realizações e frustrações? Tudo isso é conhecido, o conhecido do tempo e do espaço; e enquanto a mente estiver funcionando dentro da esfera do tempo, do conhecido, jamais poderá ser o desconhecido: continuará, tão-sòmente, a experimentar o que é conhecido.

Senhores, isto não é algo complicado ou misterioso: descrevo fatos evidentes da nossa existência cotidiana.

Com a carga do conhecido, procura a mente descobrir o desconhecido. Como pode consegui-lo ? Todos falamos de Deus; em tôdas as religiões, em tôdas as igrejas e templos esta palavra é empregada; sempre, porém, à imagem do conhecido. São pouquíssimos os que abandonam tôdas as igrejas, todos os templos e livros, e passam além, para descobrir.

No momento, a mente é o resultado do tempo, do conhecido, e quando a mente, em tais condições, se põe a caminho para descobrir, só pode descobrir o que já experimentou. Para descobrir o desconhecido, precisa libertar-se *de todo* do conhecido, do passado, não por meio de uma análise lenta, não por uma investigação gradual do passado, interpretando cada sonho, cada reação, mas pelo perceber, completamente, instantâneamente, enquanto estais aqui sentados, a verdade do que estou dizendo. Enquanto a mente fôr resultado do tempo, do conhecido, nunca encontrará o desconhecido, que é Deus, Realidade, ou como quiserdes chamá-lo. O percebimento da verdade a êsse respeito, liberta a mente do passado. Não traduzais logo a expressão "libertar-se do passado" como significando "esquecer-se do caminho de casa". Isto é *amnésia*. Não o reduzais a uma maneira de entender tão infantil. Entretanto, a mente está libertada no momento em que percebe a verdade de que não pode encontrar o Real, essa inefável presença do desconhecido, quando está cheia do "conhecido". O conhecimento, a experiência é o "eu", o "eu" que acumulou e juntou; por conseqüência, todo conhecimento tem de ser sustado, tôda experiência posta de parte. E quando há o silêncio da liberdade, não é então a mente, ela própria, o eterno ? Ela está então experimentando algo

inteiramente novo, que é o Real; mas, para o experimentar, a mente deve sê-lo. Por favor, não afirmeis ser a mente a Realidade. Não o é. A mente só pode experimentar a Realidade, quando está de todo livre do tempo; e êsse "processo" de descobrimento é religião. Porque religião não é o que credes. Nenhuma relação tem com o fato de serdes cristão ou budista, muçulmano ou hinduísta; essas coisas não têm significação alguma, sendo, antes, um obstáculo; e a mente desejosa de descobrir, deve despojar-se completamente delas tôdas. Para ser nova, a mente deve estar sòzinha; para que possa realizar-se a eterna criação, deve a mente achar-se no estado de recebê-la. Mas, enquanto estiver às voltas com suas tribulações e lutas, enquanto estiver carregada de conhecimentos, embaraçada pelos obstáculos psicológicos, nunca estará a mente livre para receber, para compreender, descobrir.

Nessas condições, uma pessoa verdadeiramente religiosa não é aquela coberta por uma crosta de crenças, dogmas, rituais. A pessoa religiosa não tem crenças; vive de momento a momento, sem jamais acumular experiência alguma; por conseqüência, só ela é um ente verdadeiramente revolucionário. A verdade não é uma continuidade no tempo; é para ser descoberta a cada momento que passa. A mente que acumula, que retém, que entesoura experiência, não pode viver momento por momento, descobrindo o novo.

Os que sentem verdadeiro interêsse, os que não são meros diletantes, que não estão apenas a brincar com estas coisas, têm uma importância extraordinária na vida, porquanto êles se tornarão uma luz para si próprios e, por conseguinte, para outros também. Falar

de Deus, sem se experimentar, sem se ter uma mente de todo livre, e, portanto, aberta para o desconhecido, é coisa de mui pouca valia; é o mesmo que pessoas adultas se entreterem com brinquedos; e quando nos entretemos com brinquedos e chamamos a isso religião, estamos criando mais confusão, causando mais sofrimento. E só ao compreendermos todo o processo do pensar e dêle nos libertarmos, pode a mente estar tranqüila; só então se manifesta o Eterno.

PERGUNTA: Para ajudar os meus três filhos, basta-me observar a mim mesmo? E como hei de dar-lhes instrução?

KRISHNAMURTI: A vida, o viver de cada dia, não é um processo de educar os nossos filhos e a nós mesmos, também? Senhores, esta pergunta, com sua resposta, não interessa apenas a mestres e discípulos; interessa-vos a todos, porque sois pais.

Ora, será educação mera transmissão de conhecimentos? Consiste, simplesmente, em ensinar as crianças a ler, a somar, a ter possibilidades de arranjar emprêgo? Pois é nisso que estamos interessados, não é verdade? E qual é o resultado? O jovem ou vai acabar no exército, para ser destruído, ou destrói a si mesmo num emprêgo. Que significa, pois, educar-nos a nós mesmos e a nossos filhos? Significa levarmos anos e anos aprendendo uma técnica, para depois nos convertermos em carne para canhão ou numa máquina da estrutura social? (Tende a bondade de prestar atenção a isso; estou-vos pedindo que descubrais por vós mesmo). — Significa rodear-nos de uma porção

de aparelhos, de coisas, de crenças, a fim de nos protegermos e não têrmos mêdo ? Significa cobrir a mente com uma simples capa de ilustração ? Pois é isso que chamamos educação, não é verdade ? Fazemos enormes despesas com a educação de um rapaz e, depois, êle vai acabar numa guerra na Coréia, na Alemanha, ou na Rússia. Estamos eternamente deflagrando guerras e destruindo-nos uns aos outros, dos tempos mais remotos aos dias de hoje. A educação, portanto, tal como a conhecemos, falhou, sem dúvida nenhuma; já não tem significação alguma. Mas se, para um homem que pensa inteligentemente, a educação não é nada disso, nesse caso, que se entende por educação ? Significa ela uma perspectiva "integrada" da vida, que produzirá entes humanos integrados? É óbvio, porém, que ninguém pode ser um ente humano integrado, se é americano, ou russo, ou hinduísta; isso são meras etiquetas sem muita significação. Um ente humano integrado é aquêle que já não está na sujeição do temor, não moldado pela sociedade, de acôrdo com determinado padrão de pensamento, seja católico, seja comunista ou outro qualquer. Cada seita, cada grupo nacional ou religioso quer educar os seus jovens de acôrdo com certa fórmula; e *isso* é educação? Resultarão daí entes humanos "integrados" ? Para educar os nossos filhos, não devemos começar por libertar-nos do temor, de tôdas as limitações do pensamento, tais sejam as do cristão, do comunista, ou do idealista ?

Certamente, para podermos educar-nos e a outros, precisamos prestar atenção a nós mesmos, aos nossos pensamentos, nossos móveis, nosso orgulho, nossos temores; devemos prestar atenção às palavras que em-

pregamos, e à reação psicológica da mente a palavras como "americano", "russo", "alemão". Para podermos educar a outros, precisamos começar por educar a nós mesmos; e não é essa a função correta da educação? Há verdadeira educação quando o educador está sendo educado ao mesmo tempo que os jovens; e isso implica que deve haver liberdade tanto para a criança como para nós mesmos. A liberdade não se encontra na conclusão de um longo curso de disciplina e coerção. Não há liberdade no fim da compulsão. Se dominais a criança, se a obrigais a ajustar-se a um padrão, por mais idealista que seja êsse padrão, será livre a criança depois disso? Se desejamos realizar uma verdadeira revolução na educação, é òbviamente necessário haver liberdade exatamente no comêço, o que significa que tanto o pai como o mestre devem estar interessados na liberdade, e não em como ajudar a criança a tornar-se *isso* ou *aquilo*.

A educação correta subentende também que se esteja livre do espírito de competição, não é verdade? Damos notas, comparamos os jovens, e estimulamos a competição, porque, quando prevalece o espírito de competição, é muito mais fácil disciplinar a criança e, pelo temor, obrigá-la a submeter-se, a estudar mais. Se desejamos, porém, inaugurar a educação correta, estamos interessados em libertar a mente, para que possa considerar a vida com uma visão "integrada", enfrentar tôdas as suas complicações, ao surgirem, momento por momento. Isso, por certo, é muito mais importante do que o árduo trabalho de aprender. O saber dos livros pode entrar ou não no programa, mas o que principalmente nos interessa é produzir um novo ente hu-

mano, não mais coagido, não mais competidor, não mais desejoso de bom êxito; um ente que compreende *o que é* e, por conseguinte, se está libertando do *que é*. Entretanto, isso requer extraordinária paciência, uma compreensão "integrada", que só pode vir com o autoconhecimento; e esta é a razão por que é tão importante que tanto o educador como o educando, o que ensina e o que é ensinado, estejam plenamente cônscios do procsesso da mente e do seu próprio ser.

Creio, devia custar uns vinte e cinco centavos para se matar um soldado romano, ou para um soldado romano matar outro soldado qualquer; hoje, para matar-se um soldado, o custo é de cêrca de cem mil dólares. Continuamos a desenvolver a pura técnica, as atividades da memória, do sagaz intelecto, e não há revolta contra tudo isso. E quando nos revoltamos, tornamo-nos pacifistas, idealistas, ou adotamos outro rótulo qualquer. Revolução fundamental só é possível quando há uma perspectiva "integrada" da vida, quando cada indivíduo é um ser total; e essa totalidade, essa integração do indivíduo, não pode existir enquanto há temor, competição, ambição, o constante impulso de nos preenchermos em alguma atividade — pois tudo isso implica: "eu" contra o todo. O mundo nos pertence, as riquezas da terra são vossas e minhas. Ninguém pode ser próspero enquanto outros morrem de fome. Mas, para se perceber tudo isso requer-se uma perspectiva "integrada", e não podemos ter tal perspectiva enquanto permanecerdes americano ou hindu. Somos entes humanos, e não podemos compartilhar os bens da terra, se vós competis comigo e eu convosco. Enquanto vós e eu tivermos a ambição de realizar, de vir-a-ser, vi-

veremos necessàriamente num conflito constante um com o outro. Se perceberdes tudo isso, não apenas verbalmente, mas interiormente, profundamente, garanto-vos que vos revoltareis; e, então, talvez, possamos criar uma nova civilização, um mundo novo.

PERGUNTA: A luta básica, através da história e como a presenciamos no mundo moderno, parece ser o choque entre as fôrças da tradição e o conservantismo, de um lado, e as fôrças progressistas, de outro lado. Que lado devemos apoiar, na grande batalha pela promoção do bem-estar humano?

KRISHNAMURTI: Não é possível considerarmos êste problema sem tomarmos partidos? Porque no momento em que tomamos partido, já não temos uma perspectiva "integrada", já não somos livres. Se sois progressista e eu conservador, chocamo-nos um com o outro, somos antagonistas. Em vez de considerarmos o problema do vosso ponto de vista ou do meu ponto de vista, não seria preferível descobrirmos o que é que faz a mente ser conservadora ou progressista ? Compreendeis o problema ? Se eu sou conservador e vós sois progressista, estaremos inevitàvelmente em conflito. Eu desejo conservar, reter, manter as coisas o mais possível como estão; e vós desejais reformar, revolucionar. Ficamos numa batalha constante um contra o outro e, conseqüentemente, jamais resolvemos o problema. Mas se vós e eu estamos muito interessados em resolver o problema humano, então não seremos nem progressistas nem conservadores; estaremos interessados no problema em si, e não em como *vós* o considerais e como *eu*

o considero. Espero que a questão esteja agora clara; mas a questão nunca estará clara, se já tomamos partidos. Examinemos, pois, a mentalidade conservadora e a mentalidade progressista.

Tanto o conservador como o progressista desejam mudança. Isso é óbvio. Só o homem mais estúpido e mais totalmente cego pode não desejar mudança nenhuma. Os que possuem tôdas as coisas mundanas — um grande depósito no banco, confôrto, luxo — que estão satisfeitos e querem tudo bem protegido, êsses não desejam mudanças. Já os que observam, os que estão cônscios do problema mundial (não apenas do problema americano ou do problema hindu) os que vêem tôda essa luta humana — *todos* êsses desejam mudanças. Há miséria na Ásia, de que não fazeis idéia. Milhões e milhões de pessoas a alimentarem-se uma vez por dia, e às vêzes nem isso sequer. Há fome, doença, superstição, a degradação da pobreza, excesso de nascimentos, pletora de população, solo pobre. Essas coisas bradam por mudança. E também, òbviamente, há necessidade de transformação, com respeito à guerra. Urge fazer-se algo para acabar-se com *tôdas* as guerras, a fim de que os homens sejam livres para educar a si mesmos, viver pacìficamente, em boa harmonia, criadoramente. Assim sendo, todos nós — conservadores e progressistas — se refletimos um pouco, temos de desejar mudança.

O problema, portanto, não é de se devemos apoiar o conservador ou o progressista, mas de como promover a mudança. Não é isso? Tende paciência; pode-se responder superficialmente; mas eu desejo considerar êste problema fundamentalmente, profunda-

mente. Qual é o fator da transformação? As revoluções geram transformações? Houve revoluções no passado, a Revolução Francesa, e outras mais recentes; e elas produziram alguma transformação? Poderão ter produzido superficiais modificações políticas, não uma transformação básica da mente e do coração, uma transformação fundamental, "integrada", na qual o indivíduo deixasse de ser nacionalista, deixasse de ser francês, russo, alemão, hindu, e se tornasse um ente humano integrado. Nessas condições, quando investigamos a questão da transformação, da revolução, não devemos perguntar se a mente — sem se levar em conta se ela é conservadora ou progressista — é capaz de efetuá-la? A mudança, a revolução resulta de um "processo" da mente, ou acontece de uma maneira de todo diferente? Já observastes como vos modificais, como indivíduo humano? Quando vos modificais? Não é certamente quando estais tentando modificar-vos pela ação do pensamento; modificais-vos, quer queirais quer não, quando a mente não está planeando fazê-lo.

É importantíssimo compreender-se isso, e peço-vos tenhais paciência para investigá-lo. Se sou ganancioso, invejoso, como posso modificar-me? Posso modificar-me por volição? Quando procuro libertar-me da avidez, êsse próprio esfôrço não resulta da avidez, sob outra forma? Quando digo "não devo ser ávido", porque o digo? Porque o ser ávido já não compensa, causa-me sofrimento, e portanto tenho agora um móvel diferente, um impulso diferente, há uma sensação nova que desejo alcançar; por conseguinte, rejeitando a avidez, sou ainda ávido. Enquanto a mudança resultar do pen-

samento, não é mudança — não importando se êsse pensamento é conservador ou progressista. A transformação, a revolução só é realizável quando o pensamento calculista deixou de existir. Refleti bem sôbre isso e vêde a verdade que encerra. A modificação produzida pelo pensamento, pelo cálculo, é uma continuidade modificada. Tôdas as revoluções políticas são meramente continuidade modificada, reação ao passado, e, por conseguinte, não constituem mudança nenhuma.

Nessas condições, se lhes interessa a mudança, devem, tanto o progressista como o conservador, indagar se o pensamento é capaz de promovê-la. Realiza-se a transformação quando há percepção do que é verdadeiro; e a percepção do que é verdadeiro não procede da mente. A mente pode traduzir a história de acôrdo com seus próprios preconceitos, de acôrdo com seus instintos burgueses ou proletários; mas a revolta dos que nada têm, bem como o conservantismo dos que têm tudo, é sempre uma reação; e reação não é transformação. Vem a transformação quando a mente percebe o que é verdadeiro; e ela não poderá percebê-lo enquanto continuar a pensar com a mentalidade do progressista ou do conservador. Vós e eu devemos estar interessados diretamente no problema da transformação. A transformação não se pode operar por nenhum ato de vontade, por nenhuma aplicação do saber; só se realiza quando a Realidade é percebida por vós e por mim. E a Realidade pode ser percebida apenas, quando a mente já não é um instrumento de reação, quando já não sonha com Utopias nem deseja conservar tudo como está. Só há

transformação quando vós e eu somos verdadeiramente religiosos. Esta é a única revolução, a única transformação permanente.

5 de julho de 1953.

VII

A meu ver, uma das coisas mais difíceis é viver com simplicidade; e talvez possamos, nesta tarde, examinar esta questão, não apenas no nível superficial, mas profundamente, para ver se descobrimos o que, em essência, significa viver simplesmente. Por pouco ativos que sejamos, a vida nos apresenta inúmeros problemas. Cada problema parece gerar muitos outros. Os problemas parecem surgir numa sucessão interminável, tanto no nível consciente como nos níveis mais profundos da consciência. Parece, nunca podemos livrar-nos de um problema, ou resolvê-lo, sem suscitar outros problemas. Mas se pudéssemos compreender o que significa viver simplesmente, pensar simplesmente, então, talvez estivéssemos aptos a produzir em nós mesmos um "estado de ser" em que não criássemos problemas e mais problemas.

Porque é que a mente acumula ? Porque armazenamos conhecimentos ? Porque nos condiciona a experiência ? Se pudermos investigar êsse "processo" acumulador da mente, talvez nos seja mais fácil compreender o

que é pensar diretamente, simplesmente; e ao percebermos porque a mente colhe, retém, acumula, talvez nos tornemos capazes de dissolver as nossas múltiplas dificuldades, à medida que surgem.

Acreditamos que, acumulando conhecimentos e experiência, estaremos capacitados para compreender a vida com tôdas as suas lutas complexas. Mas, que acontece quando acumulamos saber e experiência? Ficamos traduzindo todo incidente, tôda crise, tôda reação, em conformidade com a nossa passada experiência, que é memória. Com essa carga do passado, não nos é possível ver as coisas diretamente; e talvez aí se encontre o nó do problema. Nunca enfrentamos coisa alguma de maneira nova, mas sempre em conformidade com o "velho", com o que já conhecemos. E porque jamais encaramos um problema diretamente, para compreendê-lo por nós mesmos, continuamos a produzir problemas e a provocar mais lutas.

Ora, nossa concepção de uma vida simples é que devemos possuir poucas coisas, ou mesmo nada. Mas isso, por certo, não é uma vida simples. Olhamos com reverência os que levam uma vida simples, no sentido físico, que têm poucas roupas e nenhuma propriedade, como se isso fôsse uma coisa maravilhosa. Porque? Porque nós, intrìnsecamente, somos apegados a coisas, a posses. Mas o viver uma vida simples requer, meramente, que nos despojemos de tudo, que renunciemos às coisas físicas? Ou é coisa muito mais profunda? Embora tenhamos muito pouco, interiormente estamos sempre juntando, acumulando; estamos cheios de crenças, de dogmas, de tôda espécie de experiência e memória, e há em nós um conflito interminável entre as

várias necessidades, ânsias, esperanças, desejos. Tudo isso indica, não uma vida simples, mas uma vida interior sobremodo complexa. Creio, pois, importante descobrir-se porque a mente acumula, tanto consciente como inconscientemente; porque é incapaz de ir ao encontro de cada incidente, de cada reação, como se fôsse algo inteiramente novo, original. Porque traduzimos cada experiência de acôrdo com "o velho", de acôrdo com o que já é conhecido? A mente está sempre a acumular experiências, reações, e armazenando-as na memória, com o propósito de servir-se delas, como garantia de sua própria segurança. E a compreensão, a inteligência é resultado de experiências inumeráveis? Ou é a capacidade de olhar as coisas de maneira nova, de encarar a vida momento por momento, sem que a experiência do passado lhe empane a visão?

Como disse há dias, não deveis ouvir estas palestras com o fim de compreender o que *eu* estou dizendo, mas, sim, de descobrir como *vós mesmos* estais pensando. Não estais aqui apenas para acompanhar a minha descrição de um certo estado mental, mas para descobrir como opera a vossa mente tôda vez que surge uma experiência nova.

Consideremos, por exemplo, o problema do temor. Podemos, vós e eu, compreender o temor e dissolvê-lo, sem intrometermos a acumulação do passado? Em geral, temos mêdo de muitas coisas: do amanhã, do que dizem os outros, da pobreza, da frustração, da morte. Ora, que *é* êsse temor? Não podemos examiná-lo, compreendê-lo de maneira muito simples, e dêsse modo libertar-nos dêle — não para todo o sempre, mas a cada momento, dia por dia — de modo que a mente fique

aliviada da ânsia do amanhã ? Bem considerado, o temor é uma reação, não é ? Fiz algo que me envergonha, cometi um êrro que não desejo seja descoberto por outro. O temor, pois, é uma reação, e não adianta lutar contra êle, procurar subjugá-lo, analisá-lo ou evitá-lo. O mêdo é o fantasma do meu malfeito. O problema, por conseguinte, não é o temor, senão a maneira como considero o meu ato. Ora, posso considerar êsse ato de maneira nova ? Isto é, posso eu, conhecendo a causa do temor, considerá-lo com tôda a simplicidade, sem acumular, sem converter a compreensão da causa numa técnica de dominar o temor ? Compreendeis ? Quando, conhecendo a causa do temor, a mente procura compreender essa causa, a fim de proteger-se contra *novos* temores, os temores de amanhã, põe ela em funcionamento o complexo "processo" da autoproteção, e, por isso, nunca está em condições de corresponder a cada experiência com clareza, simplicidade, de modo direto.

Ora, não pode a mente observar a causa, o incidente que produziu o mêdo, sem interpretação e sem julgamento ? Não pode ela olhar, simplesmente, para a causa do temor, "escutá-la", deixá-la revelar tôda a sua história, sem interpretá-la, sem negá-la ou aceitá-la, sem procurar ocultá-la, sem buscar um abrigo ou fugi-la ? Daí, a meu ver, é que nasce a simplicidade, tão essencial à compreensão. Se somos capazes de considerar a causa do problema com muita simplicidade, sem traduzirmos ou condenarmos, parece-me que, então, é possível estarmos livres, momento por momento, não só do temor, mas também da inveja, do ciúme, do desejo de sermos bem-sucedidos e de todos os demais problemas

humanos inevitáveis. Problemas surgirão sempre e teremos sempre reações, enquanto vivermos. Não é, portanto, necessário tenhamos a capacidade de enfrentar os problemas, ao surgirem, dia por dia, sem acumularmos experiência, que nos limita o pensar e impede-nos a compreensão do problema ?

Simplicidade de pensamento e de espírito é uma coisa essencial, mas não pode haver simplicidade enquanto estiver em funcionamento o "processo" acumulador da autoproteção; e êsse "processo" de pensamento, visante à autoproteção, existe não apenas no nível consciente, mas também nos diferentes níveis inconscientes do nosso ser. É por querermos proteger-nos, que o saber e a experiência se tornam tão extraordinàriamente importantes em nossa vida. Quando se nos depara um problema, nunca estamos completamente desvencilhados do passado. E é-nos possível — a vós e a mim — aliviar a mente de todo o passado, do saber acumulado de ontem ?

Senhores, reputo assaz importante examinarmos esta questão e compreendê-la. Com a carga do passado, a mente cria os seus próprios problemas, não é verdade ? E pode a mente começar a atender a cada problema de maneira nova, observando-o, ao surgir, sem interpor tôdas as sombras da passada experiência ? Sem dúvida, *êste* é que é o nosso problema: considerar cada incidente, cada reação, sem preconceito, sem tendências, sem interpretá-los de acôrdo com coisas aprendidas, no desejo de nos protegermos. Pode a mente ficar livre de *tudo isso* e considerar diretamente cada problema que surge ? Se pode, então já não há morte, e todos os problemas humanos podem ser resolvidos; mas não

para sua satisfação, seu aprazimento. No momento em que introduzimos o desejo de satisfação, começamos a acumular, do que resulta temor. Mas, não nos é possível considerar o problema, qualquer que êle seja, sem julgamento, sem avaliação ? O avaliar um problema implica memória, julgamento, pesar, calcular — e tudo isso indica a constante preocupação da mente de proteger-se. O desejo de nos protegermos, de nos resguardarmos, tanto é consciente como inconsciente; e, ao se tornar conhecedora de todo êsse processo, pode a mente aboli-lo e considerar o problema diretamente? Só pode fazê-lo quando vós e eu compreendemos a necessidade de nos libertarmos do temor.

O mêdo corrompe e nos ensombra tôdas as ações; onde há temor, não há amor. Sabemos disso teòricamente. Temos lido a seu respeito. Quando, porém, estamos cônscios de que tememos inúmeras coisas, não podemos examinar *cabalmente* êsse fato ? Não podemos descobrir a causa do temor e compreendê-la realmente, sem lutarmos, sem traduzirmos, sem julgarmos ou interpretarmos *o que é?* E quando a mente está cônscia do *que é,* não apenas no nível consciente, mas como o "processo" total do nosso ser, não há um desafôgo, uma libertação da causa que produziu o temor ? Mas não há libertação quando não existe a intenção de compreender *o que é,* de observá-lo, de familiarizar-nos com êle, de "escutar" todo o seu conteúdo, observar-lhe o fluir, o movimento.

Vemos, pois, que a simplicidade do pensar não resulta da acumulação de conhecimentos. Pelo contrário, quanto mais sabemos, tanto menos simples é a nossa mente; e a mente tem de ser sobremaneira simples, para

compreender *o que é*. *O que é* nunca é a mesma coisa, pois varia de momento a momento, e o seu movimento não pode ser compreendido por uma mente carregada de condenação, julgamento, da ânsia de autoproteção e do temor do futuro.

Senhores, acredito ser da mais alta importância descobrir se podemos observar *o que é,* sem sentir desgôsto e repulsa. Afinal de contas, que somos nós? Somos o resultado de muitas reações, muitas influências condicionadoras, desejos, temores, — e nessa agitação está sempre envolvida a nossa mente; sempre batalhando, sempre em conflito. E para se pôr fim a essa luta incessante, a êsse sofrimento e dor, não nos cabe compreender, simplesmente, momento por momento, o movimento *do que é?* Se sou ganancioso, colérico, ou invejoso, devo por certo compreender essa coisa tal como é, em vez de tentar dissolvê-la ou dominá-la; pois a própria ação de dominar é uma luta, um novo conflito, e, por conseguinte, não nos traz nenhuma libertação do *que é*. Mas se estou cônscio não sòmente da minha inveja, mas também da sua causa mais profunda, cuja reação ela é, e do desejo de estar livre da inveja; se estou cônscio dêsse "processo" total, sem julgamento, sem escolha, então, acho que êsse percebimento esclarece e dissolve aquela causa. Requer isso, não exercício ou disciplina, mas vigilância por parte da mente; e a mente não pode estar vigilante, se está sempre escolhendo, condenando, julgando, fugindo ou procurando modiicar *o que é*.

Simplicidade é compreensão do *que é*. E só há compreensão do *que é* quando a mente desistiu de lutar contra *o que é* e desistiu de moldá-lo de acôrdo com

suas fantasias. Na compreensão *do que é* revelam-se-nos os movimentos do "eu", do "ego"; e isso, certamente, é o comêço do autoconhecimento, não só no nível verbal, mas também naqueles níveis em que o "eu" se acha profundamente oculto e de onde sai espontâneamente, nas ocasiões em que relaxamos a vigilância.

Quando estamos cônscios de nós mesmos, não é, todo o movimento do viver, uma forma de revelar o "eu", o "ego"? O "eu" é um processo muito complexo, que só pode ser revelado na vida de relação, em nossas atividades diárias, na maneira como falamos, como julgamos, calculamos, como condenamos a outros e a nós mesmos. Tudo isso revela o estado condicionado do nosso próprio pensar; e não é importante estar-se cônscio de todo êsse processo? Só pela percepção do que é verdadeiro, momento por momento, se dá o descobrimento do atemporal, do eterno. Sem autoconhecimento não pode existir o eterno. Quando não conhecemos a nós mesmos, o eterno se transforma em simples palavra, um símbolo, uma especulação, um dogma, uma crença, uma ilusão em que a mente pode refugiar-se. Se começamos, porém, a compreender o "eu" em tôdas as suas atividades, dia por dia, então, nessa própria compreensão, apresenta-se, sem nenhum esfôrço de nossa parte, o inefável, o atemporal. Mas o atemporal não é uma recompensa ao autoconhecimento. O que é eterno não pode ser procurado; a mente não pode adquiri-lo. Êle se apresenta quando a mente está tranqüila; e a mente só pode estar tranqüila quando é simples, quando já não está armazenando, condenando, julgando, pesando. Apenas a mente simples pode compreender o Real, e não a mente repleta de palavras, de conheci-

mentos, de ilustração. A mente que analisa, que calcula, não é uma mente simples.

Para ser criadora, a mente tem de estar despojada de tôdas as suas acumulações; e, sem criação, nossa vida é vazia, ainda que esteja cheia de atividades, de resoluções e determinações, coisas essas de muito pouca significação. Entretanto, a mente que percebe todo êsse processo de acumulação para fins de autoproteção; que percebe todo o seu conteúdo, sem procurar alterá-lo ou rejeitá-lo, essa mente, por ser simples, está tranqüila e compreende *o que é*. E nisso há um desafôgo extraordinário, uma liberdade em que está a Realidade.

PERGUNTA: Dizeis que só uma mente tranqüila pode resolver o problema do temor; mas, como pode a mente estar tranqüila quando tem mêdo?

KRISHNAMURTI: Há vários problemas encerrados nesta pergunta. Em primeiro lugar, como tranqüilizar a mente a fim de dissolver o temor? E pode a mente que tem mêdo estar *alguma vez* tranqüila? E a tranqüilidade da mente se obtém por meio de alguma técnica? Afinal de contas, é isto que perturba muita gente: o "como", o método, a técnica de se alcançar um estado de paz. O "como" implica hábito, a manutenção de certa atitude dia por dia, a repetição de certa ação, a observância de determinado plano, o disciplinar da mente para estar tranqüila. E a tranqüilidade, a serenidade da mente resulta de hábito? É produto de exercício constante? Ou vem tão-sòmente quando há liberdade, quando há compreensão do *que é*?

Naturalmente, se desejo paz de espírito, não a terei nunca. É por desejar ter uma mente tranqüila que pratico vários exercícios, os quais espero tenham a virtude de realizá-la; o resultado, porém, é uma mente morta. A mente morta está muito tranqüila, mas não pode ser criadora. Assim, pois, não existe nenhum "como". O que a mente pode fazer é apenas ter consciência de que procura um método *porque* deseja algo. Se desejais enriquecer, juntais dinheiro, selecionais os vossos amigos, circulais no meio de gente que possa ajudar-vos a obter o que desejais. Do mesmo modo, se desejais paz de espírito, se sentis a sua urgência, procurais descobrir o meio de consegui-la: ouvis vários instrutores, praticais disciplinas, ledes certos livros, sempre com a intenção de ter paz de espírito; todavia, vossa mente só se torna embotada. Se, entretanto, estiverdes cônscio dêsse "processo" do vosso pensar, na sua totalidade, tanto do processo inconsciente como do consciente; se observardes todos os vossos pensamentos, momento por momento, sem condenação ou julgamento; se simplesmente observardes cada pensamento que surge, sem o rejeitar ou pôr de parte, achareis então uma liberdade, na qual se torna existente a tranqüilidade, sem volição, e sem nenhuma ação da vossa vontade.

O problema, por conseqüência, não é de como libertar a mente do temor, ou de como tê-la tranqüila, para dissolver o temor, mas: se o mêdo pode ser compreendido. Embora eu tenha mêdo de várias coisas — de meu patrão, de minha espôsa ou marido, da morte, de perder o meu depósito no banco, da opinião dos meus vizinhos, da frustração, de perder minha importância pessoal — êsse mêdo, em si, é o resultado de um pro-

cesso total, não é ? Isto é, o "eu", o "ego", em sua atividade, "projeta" o mêdo. A substância é o pensamento concernente ao "eu", e sua sombra é o mêdo; e, evidentemente, não adianta batalhar contra a sombra, a reação. O "eu" está-se protegendo, ansiando, esperando, desejando, lutando; e constantemente compara, pesa, julga; aspira ao poder, à posição, ao prestígio, aspira a ser respeitado; e pode êsse "eu", fonte do temor, deixar de existir, não para todo o sempre, mas momento por momento ? Quando se apresenta o sentimento de temor, pode a mente ficar cônscia dêle, examiná-lo sem condenação, julgamento, escolha ? Porque, no momento em que começamos a julgar, a avaliar, é uma parte do "eu" que está dirigindo, e, portanto, condicionando o nosso pensamento, não é exato?

Posso, pois, estar cônscio da minha avidez, da minha inveja, momento por momento ? Êstes sentimentos são expressões do "eu", do "ego", não é verdade ? O "ego" é sempre o "ego", *em qualquer nível* que o coloquemos. Seja "superior", seja "inferior", o "eu" está sempre compreendido na esfera do pensamento. E posso eu estar cônscio dêsses sentimentos, ao surgirem, momento por momento? Posso descobrir sòzinho as atividades do meu "ego", quando, por exemplo, converso à mesa, quando jogo, quando escuto, quando me acho num grupo de pessoas ? Posso estar cônscio dos ressentimentos acumulados, do desejo de causar impressão, de ser *alguém ?* Posso descobrir que sou ávido e estar cônscio da minha condenação da avidez ? A própria palavra "avidez" é uma condenação, não achais ? Estar cônscio da avidez é também estar cônscio do desejo de ficar livre dela, e é perceber porque *desejamos* ser

livres dela — é perceber todo o processo. Isso não é um modo de agir muito complicado; sua significação pode ser apreendida *imediatamente*. Começamos, pois, a compreender, momento por momento, o crescimento constante do "eu", com sua presunção, suas "autoprojeções" — sendo tudo isso, bàsicamente, fundamentalmente, a causa do temor. Mas se não se pode empreender nenhuma ação para nos libertarmos da causa, o que nos cabe fazer, então, é só estar cônscios dela. Quando desejamos estar livres do "ego", êsse próprio desejo faz também parte do "ego"; tendes, pois, uma batalha constante no "ego", em tôrno de duas coisas desejáveis, entre a parte que deseja e a parte que não deseja.

Quando nos tornamos cônscios do que se passa no nível consciente, começamos também a descobrir a inveja, as lutas, os desejos, os impulsos, as ansiedades existentes nos níveis mais profundos da consciência. Quando a mente está muito interessada em descobrir o processo total de si mesma, então cada incidente, cada reação transforma-se num meio de descobrimento, de autoconhecimento. Isso requer paciente vigilância, a qual não pode ser exercida por uma mente que está sempre lutando, sempre a aprender "como" ser vigilante. Vereis, assim, que as horas de sono são tão importantes como as horas de vigília, pois a vida é então um processo total. Enquanto não conhecerdes a vós mesmo, o temor continuará a existir, e tôdas as ilusões criadas pelo "eu" prosperarão.

O autoconhecimento, pois, não é um processo que se aprende em leituras, ou a respeito do qual se pode especular: êle tem de ser descoberto por cada um de

nós, momento por momento, o que faz com que a mente se torne sobremaneira vigilante. Nessa vigilância há uma certa aquiescência, um percebimento passivo em que não existe desejo de ser ou de não ser, e em que se encontra um maravilhoso sentimento de liberdade. Pode êle durar só um minuto, um segundo, apenas, mas tanto basta. Essa liberdade não é produto da memória; é uma coisa viva. Entretanto, a mente, depois de prová-la, a reduz a uma lembrança, e deseja então *mais*. O estar cônscio dêsse processo total só é possível pelo autoconhecimento, e o autoconhecimento nasce momento por momento, enquanto observamos nosso falar, nossos gestos, a maneira como falamos, e os motivos ocultos que nos são sùbitamente revelados. Só então podemos ficar livres do temor. Enquanto existe temor, não há amor. O temor enche-nos de sombras o ser, e êsse temor não pode ser lavado por nenhuma reza, ideal, ou atividade. A causa do temor é o "eu", o "eu" que é tão complexo nos seus desejos, necessidades, ocupações. A mente tem de compreender todo aquêle processo; e essa compreensão só pode vir quando há vigilância sem escolha.

11 de julho de 1953.

VIII

DESEJO esta manhã discorrer sôbre um problema que considero suficientemente importante: o problema relativo ao impulso constante, existente em cada um de nós, a buscar um estado permanente, livre de tôda perturbação. É um problema realmente muito complexo, e permito-me sugerir-vos escuteis passivamente, sem aceitação ou rejeição, como quem ouve o canto de uma ave. Por certo, se queremos compreender um problema muito complexo, requer-se uma certa vigilância, em que a mente esteja passiva, mas não hipnotizada por palavras. Isso não implica de modo nenhum que tenhais de aceitar o que eu digo. Pelo contrário, a mera aceitação ou anuência ao que considerais ser a verdade, não tem significação alguma. O que tem significação é que descubrais por vós mesmos o que é verdadeiro; e não podeis descobrir o que é verdadeiro, se vossa mente está sempre agitada pela comparação, ou pelo lembrar-vos do que outra pessoa disse ou do que lêstes em vários livros. Tudo isso tem de ser pôsto de parte, inteligentemente, para que se possa ouvir com um percebimento passivo,

em que não haja "autoprojeção", nem espírito defensivo ou antagônico. Não podemos descobrir o que é verdadeiro, quando estamos excessivamente ansiosos ou de algum modo agitados. O perceber a verdade relativa a qualquer coisa, requer uma atenção especial, não achais? Uma atenção isenta de esfôrço, como acontece quando estamos escutando algo que realmente nos agrada.

Não estamos nós, em maioria, buscando a permanência, em diferentes níveis da nossa consciência? Se somos puramente mundanos, queremos permanência no nome, na forma, em nossa boa aparência, em nossa mobília, na propriedade. Isto é, o desejo procura um estado permanente onde não haja perturbação de espécie nenhuma; e se somos muito superficiais, procuramos aquela permanência na ordem social, da esquerda ou da direita. Se não estamos sujeitos a essa espécie de mundanidade, buscamos então a permanência no que chamamos amor, nas relações com certas pessoas; e se vamos além, buscamo-la na crença, nas idéias, no saber, no dogma, na tradição. E há também o desejo de encontrar uma permanência em que não haja ação da nossa parte. A mente diz: "Deponho a minha vontade nas mãos de Deus; êle sabe mais, portanto deixemo-lo operar". Imolamo-nos ao que consideramos ser Deus, ou à idéia do grupo, da nação. Quer as nossas atividades sejam impostas pelas circunstâncias exteriores, quer, por nós mesmos, em virtude do temor, da esperança, das várias formas de ilusão utópica, — o desejo fundamental é de encontrar uma permanência na qual a mente possa refugiar-se e sentir-se em segurança.

O desejo, pois, constantemente busca um estado de permanência, um estado em que encontremos completo preenchimento, por meio da propriedade, de pessoas ou de idéias, e no qual a mente *nunca* possa ser perturbada. Não é isso o que nós, em geral, consciente ou inconscientemente, procuramos? Desejamos preencher-nos, encontrar segurança permanente, e êsse próprio impulso suscita ansiedade, temor e várias formas de atividade destrutiva, que procuramos então reformar, controlar, disciplinar.

Ora, é possível à mente não buscar permanência, não aspirar a um estado que ela concebeu como o estado de felicidade, de Realidade? Pode a mente ser livre da experiência de ontem, de modo que não esteja condicionando permanentemente o presente? E há alguma ação, algum "estado de ser" não oriundo do desejo, que transcenda o tempo e seja sem continuidade? Para descobrir se existe êsse estado, a mente, sem dúvida, deve investigar e compreender o processo do seu próprio desejo. Enquanto buscamos qualquer espécie de permanência, de segurança, tôda experiência se transforma em obstáculo à compreensão mais profunda, todo saber constitui um empecilho a novos descobrimentos. Por conseguinte, se vós e eu desejamos descobrir se existe ou não o atemporal, temos em primeiro lugar de compreender porque a mente procura, através da propriedade e das relações, uma crença, uma condição na qual possa permanecer em segurança, dia após dia. Qualquer que seja o disfarce, é isso, em essência, o que buscamos, não é? Nossa vida é muito complexa, fluida, variável; há incerteza, dor, tristeza. Compreendendo tudo isso, desejamos, consci-

ente ou inconscientemente, o oposto, algo inteiramente distinto do *que é*; por isso, edificamos igrejas, aspiramos a Utopias, e vivemos apegados a dogmas e crenças. Podemos reconhecer a falácia de tudo isso e, conscientemente, rejeitá-lo; podemos achar pelo raciocínio que nada existe de permanente — e de fato *não existe* nada permanente — mas, inconscientemente, muito profundamente, o impulso humano, o impulso individual, é sempre no sentido de encontrar algo que esteja além do conflito do desejo.

Ora bem, existe coisa tal como a segurança? Há uma permanência que persiste, eterna, apesar de tôdas as calamidades, apesar da morte ? Existe algo a que a mente possa apegar-se definitivamente ? Se, em virtude da nossa educação, da civilização, da tradição, do condicionamento de certas crenças, afirmamos que tal coisa existe ou que não existe, essa resposta, naturalmente, não é válida. O homem que de fato deseja investigar esta questão, deve òbviamente libertar-se do seu condicionamento; e esta é uma das nossas maiores dificuldades, não achais ?

A mente, que é pensamento, está sempre a buscar, de várias e sutis maneiras, um estado permanente, invariável, no qual possa subsistir, dia por dia. Embora não o digamos, isso é o que consciente ou inconscientemente desejamos. E o pensamento acha o meio de produzir esta permanência: cria o pensante, que se torna então a entidade permanente que orienta e controla o pensamento. Mas o pensante *é* o pensamento; não há pensador distinto do pensamento.

O pensamento procura segurança em níveis diversos; e quando busca segurança exterior, está atraindo a in-

segurança. Quando fabricais armamentos com o fim de criar segurança para vós mesmos, neste mundo, vossa segurança é destruída pela guerra. A mente que encontrou uma relativa segurança se torna conservadora, deseja reter, consolidar, continuar a ser como é, sem perturbações; modifica-se apenas debaixo de compulsão, quando a pressão do inevitável a obriga a fazê-lo. Mas não existe essa coisa chamada segurança, permanência, isto é, um estado de inalterável conservação.

Interiormente, psicològicamente, todo o processo da memória, que é acumulação de experiência, de conhecimentos, é um meio pelo qual o "eu", o "ego", pode achar segurança e perpetuar-se. Profundamente instalado, lá está o desejo de preencher-nos, e por isso tentamos várias formas de preenchimento, várias atividades, tarefas, funções. *Pode haver,* porém, preenchimento para o "ego" ? Posso preencher-me, em algum tempo ? Certo, o "eu" é só uma idéia, não tem realidade. O "eu" que busca a prosperidade, a riqueza, posição, prazer; o "eu" que está sempre evitando a dor, que se esforça constantemente para aumentar, vir-a-ser, crescer — essa entidade não é mais do que uma idéia, um desejo que se identificou com uma dada forma de pensamento. Existe, pois, em algum tempo, preenchimento para vós e para mim ? E enquanto cada um de nós se está esforçando para preencher-se, somos antagonistas, estamos em competição uns com os outros. Desejais preencher-vos pela beleza, pela harmonia, e eu desejo preencher-me pela violência, pela irresponsabilidade, pela chamada liberdade. Não estamos em antagonismo um com o outro? Vós buscais a paz, eu sou ambicioso. Podem, o homem que busca a paz e o homem ambicioso,

viver juntos, na mesma ordem social? Buscar preenchimento na paz ou noutra coisa qualquer não significa ser pacífico, e enquanto cada um de nós estiver em busca de preenchimento, haverá conflito. E entretanto, para a maioria de nós, o desejo de preenchimento é um impulso intenso, exigindo satisfação a qualquer preço. Em todos os diferentes níveis do nosso ser, despertos ou dormindo, estamos constantemente a buscar um estado de todo imperturbável, uma continuidade de pensamento, como "eu" — o "eu" que possui experiências, o "eu" que tem sofrido, o "eu" que acumulou tanta ilustração e saber. Não tendo encontrado segurança exterior, passa o "eu" a procurar aquêle estado noutros níveis, além do nível superficial. Por isso, meditamos para alcançar a paz, para têrmos uma mente tranqüila. Pensamos que a mente tranqüila irá dar-nos o estado de permanência que não encontramos em nenhuma outra direção; e apresenta-se-nos, aí, a pergunta: "*Como* posso estar tranqüilo? Começa, assim, um problema inteiramente novo, com o qual ficamos a debater-nos.

Sem dúvida, o pensamento que deseja estar tranqüilo *nunca* pode libertar-se do conflito, visto ser êle o próprio foco do "eu". É o pensamento identificado como "eu" que se identifica com o grupo, com a nação. Procurais esquecer o "eu", atirando-vos a esta ou àquela atividade. O "eu" é esquecido, mas resta a atividade. Sendo, como é, uma fuga ao "eu", a vossa atividade tem de ser protegida; e há, assim, antagonismo, há batalha entre várias atividades, entre vários grupos nacionais. E se não vos entregais a alguma atividade, ou ao nacionalismo, vos tornais um ente religioso, iden-

tificando-vos com determinada crença, que se torna então *imensamente* importante, porque sois parte dela.

Ora, sem excesso de pormenores, tudo o que acabo de dizer é uma descrição fiel de um fato óbvio; e se percebeis realmente a verdade do que digo, vossa mente já não se acha, por certo, consciente ou profundamente, em busca de *nenhum* estado: vai começando a tornar-se cônscia de tôdas as coisas, conforme surgem, e procurando compreendê-las, sem armazenar essa compreensão para uso futuro. Há, pois, certo sentimento de liberdade, e quando alcançardes êsse ponto, verificareis como se desenvolve uma ação não originária do desejo. De ordinário, só conhecemos a atividade do desejo, que é a atividade da mente, identificada como "eu". Êsse "eu" é muito insignificante, muito limitado, estreito, superficial; ainda que possa expandir-se consideràvelmente pela identificação, êle continua sempre muito superficial e, por conseguinte, nunca pode achar o que é real. A mente mesquinha que busca Deus, encontrará um deus também mesquinho. A mente superficial, por mais que discipline a si mesma e declare que *deve* amar, ser compassiva, bondosa, afável, continuará muito superficial.

Agora, se a mente perceber a verdade relativa a tudo isso, então, talvez, venha a descobrir um estado inteiramente diferente, um estado de silêncio, que não é "autoprojeção", que não é produto de nenhum desejo, compulsão, ou temor. Nesse silêncio não existe atividade da mente, e por conseguinte não há continuidade. O que é contínuo resulta do tempo, é um "processo" de tempo. O tempo *é* a mente, a mente que deseja continuidade. Desejando continuidade na ex-

periência, a mente se torna contínua por meio da memória e, nessas condições, nunca pode achar nada novo, jamais pode encontrar a realidade, o incognoscível.

A mente, pois, é resultado do tempo, produto da memória, do conhecimento, da experiência; e pode essa mente, estando cônscia de todo o seu próprio "processo", deixar de "projetar" e permanecer em silêncio? Nesse silêncio, por certo, podem-se conhecer grandes profundezas, que a mente consciente não pode nunca experimentar e reter; porque, no momento em que a mente consciente intervém e encontra prazer naquela experiência, nasce o "experimentador" separado do objeto da experiência; e começa, assim, a divisão. Há então o conflito do "experimentador" que quer alcançar o que se acha além dêle próprio. Eis porque é importantíssimo, assim me parece, compreender todo êsse "processo" do desejo: o desejo que está sempre criando a dualidade do "eu", que é o experimentador separado da coisa experimentada, o pensador que está sempre dominando, controlando, moldando o pensamento, perseguindo a experiência mais aprazível.

Em vista de tudo isso, pode o pensamento, que é um processo muito complexo, terminar, para haver tranqüilidade mental? Nessa tranqüilidade há profundezas que a mente de modo nenhum pode conceber; mas uma mente tranqüila conhece essas coisas. Quando a mente pode experimentar sem reter, sem armazenar a experiência como lembrança, só então é ela capaz de receber o que é atemporal, eterno; e, sem um vislumbre dessa eternidade, a vida é uma série de lutas vãs, um processo interminável de lutas e de sofrimento. A compreensão não resulta de fuga, mas de constante

vigilância, em que não haja condenação nem comparação. A condenação e a comparação são produtos do desejo. Livre de desejo, a vigilância se torna clara, simples; há percepção imediata, sem análise nem julgamento. Quando está cônscia, sem escolha, a mente alcança imperceptìvelmente aquêle estado em que se acha a tranqüilidade; e então é possível a existência da Realidade.

PERGUNTA: Que significação tem a morte física na vida do indivíduo? Não é ela a grande libertadora de tôdas as nossas misérias?

KRISHNAMURTI: A morte resolve-nos todos os problemas ? E porque é que tantos de nós tememos a morte ? Quanto mais velhos ficamos, tanto mais ansiosos nos tornamos. Porque? E a morte, a terminação do estado físico, dissolve os nossos complexos pensamentos ? O pensamento não tem continuidade ? Êle pode não continuar em mim; o pensamento, porém, é contínuo; e o pensamento, que é contínuo, nunca pode encontrar alívio das suas misérias. Assim, pois, temendo a morte, nutrimos teorias, esperanças de continuidade; dizemos que deve haver reincarnação, que devo renascer para ter uma oportunidade maior na próxima vida. Não me acabo. E qual é o valor de tôdas as minhas acumulações, dos conhecimentos e experiências que acumulei, se não puder preencher-me na próxima vida, ou ressuscitar no futuro, ou encontrar um lugar no céu ? Estamos sempre com mêdo do desconhecido, do amanhã, e por isso nos pomos a procurar meios e modos de evitar aquêle findar. Ou, ainda, ra-

ciocinamos lògicamente, dizendo que tudo se acaba e renasce: morro, decomponho-me fìsicamente, para que possa renascer sob outra forma, ou animar outra entidade. Por meio da razão e da lógica, transcendemos o temor da morte, e ficamos satisfeitos. Ou, também, satisfazemo-nos com a crença numa vida futura, em algo posterior à morte, a que a mente possa apegar-se. A mente, pois, está perenemente em busca de sua própria continuidade; mas o que é contínuo é o "conhecido", e o conhecido jamais pode encontrar o incognoscível. Êste é que é o nosso problema, não achais ? Em plena vida, estamos morrendo, pois somos resultado do conhecido. Nunca, por um momento, rejeitamos tôdas as coisas que conhecemos e nos despojamos completamente do passado; nunca deixamos a mente ser vazia totalmente, consciente e inconscientemente nua, despojada interiormente de tôdas as suas experiências, de tôdas as suas crenças, de todo o seu saber, para que o desconhecido possa ter existência.

Afinal de contas, que é que sabemos ? Na realidade, que sabeis vós ? Sabeis o caminho de vossa casa; tendes certos conhecimentos, certas noções políticas ou econômicas; sabeis desempenhar-vos de um cargo; sabeis a importância do vosso seguro, a marca do vosso carro; e tendes um pouquinho de conhecimento de vossos próprios desejos e apetites, das experiências e reações que são produto do vosso condicionamento. Afora isso, que mais sabeis ? Conheceis a luta perene para *ser* alguma coisa: se sois presunçoso, orgulhoso, lutais para ser humilde, etc. Eis tudo o que sabemos. Vivemos dentro dessa esfera do "conhecido", o conhecido de prazer e de dor. E com *uma tal* mente procuramos

convencer a nós mesmos de que não há morte, inventando teorias, a crença na reincarnação, na ressurreição, enfim tôdas as inumeráveis ilusões criadas pela mente, para fugir de sua própria característica cognitiva. Assim, se bem estejamos vivos, estamos morrendo dentro do campo do conhecido.

Sem dúvida, se desejais descobrir o que é imortal, o que se acha além da mente, então a mente, que é o conhecido, tem de acabar-se; deve morrer para si mesma. Tendes lido a respeito de tôdas essas coisas, ou me tendes ouvido freqüentemente; e, entretanto, a mente continua sempre a buscar uma resposta, a perguntar o que existe além da morte. Tôdas as sociedades estúpidas prosperam à custa do vosso apetite de saber o que existe além; e quando vo-lo dizem, sentis-vos satisfeito, pelo menos temporàriamente. Porém, o problema real, o temor ao desconhecido, persiste, como uma úlcera.

Nessas condições, compreendendo que a mente apenas funciona dentro do campo do conhecido, não podemos permanecer completa e passivamente cônscios do conhecido, sem fazermos nenhum movimento positivo para dentro do desconhecido ? Isso significa: estar aberto à morte, ao desconhecido, ao Real. Significa que prosseguimos com o conhecido pela melhor maneira que podemos e conhecemos *perfeitamente* as suas limitações; e, conhecendo-as, não há "projeção" no futuro, no amanhã. Não há mais mêdo ao desconhecido; a morte já não é uma coisa temível; o que não significa têrmos agora uma nova teoria, uma nova explicação e que devemos instituir novos grupos para discutir sôbre o que existe além, pois isso é infantil. Mas, quando reco-

nhecemos as limitações da mente, do conhecido; quando percebemos que somos limitados, e estamos cônscios disso totalmente, isto é, tanto conscientemente como nas camadas mais profundas da nossa consciência, — há uma completa cessação da atividade da mente; a mente, como pensamento, como "eu sei", deixa de existir. Há então a possibilidade de manifestar-se o desconhecido. Mas não podeis chamar o desconhecido; não podeis chamar Deus, a Verdade, ou que nome lhe deis. O que se conhece é purgatório, é inferno; o desconhecido é o céu. Mas o incognoscível nenhuma relação tem com o conhecido; só se manifesta quando a mente está *de todo* tranqüila. A mente como pensamento deve deixar de existir, deve morrer, e só então pode surgir a Realidade Eterna.

12 de julho de 1953.

A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA

Sôbre êsse livro de Jiddu Krishnamurti, já à venda nas principais livrarias, disseram os editôres do original em inglês:

"J. KRISHNAMURTI tem estado ativamente interessado na educação nos últimos vinte e cinco anos. Embora não cite autoridades, não alicie seguidores, nem exponha um sistema de filosofia, é imensa a sua influência no pensamento e ação humanos.

"Nasceu Krishnamurti no sul da Índia, em 1897, foi educado desde a infância na Inglaterra, residindo atualmente em Ojai, Califórnia. Embora não seja filiado a organizações, tem êle prelecionado continuamente, nas últimas décadas, para grupos de intelectuais eminentes, nas maiores cidades do mundo. E' largamente viajado e profundamente respeitado pelo seu agudo discernimento psicológico e suas análises.

"A matéria contida neste volume é o resultado de reflexões sôbre discussões mantidas com preceptores, estudantes, e outros, pelo mundo todo, relativamente à questão da correta educação para a vida. Outro resultado foi o lançamento de um movimento entre pais e preceptores, nos Estados Unidos e na Índia, de todo independente de Krishnamurti, pessoalmente com o objetivo de criar uma escola de gênero completamente inédito, destinada a pôr em prática as suas idéias.

"O presente é um dentre os muitos volumes publicados, de palestras de Krishnamurti, em número superior a vinte, com a só distinção de tratar exclusivamente dos seus conceitos atinentes à educação. Além dêsses, há dois volumes de prosa e três de poesias procedentes diretamente da pena de Krishnamurti".

Comentários sôbre a obra de J. Krishnamurti "A Educação e o Significado da Vida"

"ÊSTES conceitos serenos e penetrantes de um pensador oriental aprofundam até às raízes dos nossos problemas ocidentais de ajustamentos a padrões e perda dos valores pessoais. Penso que muitos encontrarão neste livro uma nova e profunda perspectiva do problema da compreensão de si mesmos e uma penetração mais profunda do significado da liberdade pessoal e do amor em plena maturação".

ROLLO MAY

"LI-O com grande interêsse e atenção... A cristalina simplicidade de muitos dos seus conceitos faz-nos suspender a respiração. Num só parágrafo, muitas vêzes numa única sentença, oferece-se ao leitor o suficiente para ficar investigando, indagando, pensando, dias seguidos. A êste respeito, êle (o livro) é a um tempo criador e provocante... Pessoalmente acho que o maior mérito dêste livro de Krishnamurti está na sua profunda penetração, tanto psicológica como mística, do homem e das suas relações".

ANNE M. LINDBERGH

"ESTA é a obra de um espírito livre, aplicado à investigação da Verdade sem interêsses egoístas. Krishnamurti faz com respeito à educação o que a fotografia tridimensional faz com respeito aos filmes naturais — põe a Realidade em perspectiva... Quando Krishnamurti nos convida a indagar, êle próprio contribui para que o façamos com gôsto". Sou-lhe profundamente grata pelas duas coisas".

MARGUERITE HARMON BRO.

Conceitos sôbre JIDDU KRISHNAMURTI

Tudo se encontra em Krishnamurti, tôdas as centelhas valiosas que já iluminaram o espírito dos pensadores e, entretanto, o que êle próprio diz não poderá ser encontrado integralmente nas obras de nenhum dos pensadores hodiernos.

René Fouéré

Sente a juventude a necessidade de uma inspiração nova, com raízes noutras esferas de pensamentos que não as tradicionais. É precisamente esta a atitude do eminente pensador hindu J. Krishnamurti em face dos problemas atuais.

Râm Linssen

Para os que querem afrontar o mêdo, o isolamento e a grande aventura de abandonar o "eu" à sua destruição... a mensagem de Krishnamurti pode bem ser uma revelação.

Carlos Suarés

Krishnamurti, para mim, é o mais profundo dos psicólogos atuais; um psicólogo que leva a sua análise, sua investigação, até às últimas conseqüências; que convida cada um de nós a ser um psicólogo imparcial, sincero, honrado em si mesmo, sem vacilação alguma, nem temor dos resultados.

Arturo Montesano Delchi

Essas idéias (as do autor) têm inspirado igualmente a políticos como George Lansbury; a pensadores e cientistas como o Dr. Johannes Verweyen, professor de Filosofia da Universidade de Bonn, Alemanha, ou o etnologista americano, Dr. Edward Graighel Handy; Leopoldo Stokowski, e também ao grande escultor francês, Antoine Bourdelle.

Lilly Heleer

PERCEPÇÃO CRIADORA

KRISHNAMURTI